

Universidade Estadual Paulista – UNESP
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes

ALVARO APARECIDO DIAS

DESTINATÁRIO:

ARTHUR BISPO DO ROSARIO

São Paulo
2022

ALVARO APARECIDO DIAS

DESTINATÁRIO:
ARTHUR BISPO DO ROSARIO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado no curso de Bacharelado em Artes
Visuais do Instituto de Artes da Universidade
Estadual Paulista

Orientadora:
Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli
Membro da banca examinadora:
Profa. Dra. Carminda Mendes André

São Paulo
2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp.
Dados fornecidos pelo autor.

D541d	Dias, Alvaro Aparecido, 1980- Destinatário: Arthur Bispo do Rosario / Alvaro Aparecido Dias. – São Paulo, 2022. 122 f. il. color. Orientador: Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Documentos e correspondência. 2. Narrativas pessoais. 3. Rosario, Arthur Bispo do. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título. CDD 383.122
-------	---

Bibliotecária responsável: Fabiana Colares – CRB/8 7779

ALVARO APARECIDO DIAS

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado DESTINATÁRIO: ARTHUR BISPO DO ROSARIO, elaborado por Álvaro Aparecido Dias, foi apresentado e aprovado em 14 de outubro de 2022, perante banca examinadora composta pelas Profas. Dras. Rita Luciana Berti Bredariolli e Carminda Mendes André, no curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, como exigência para obtenção do título de Bacharelado em Artes Visuais.

São Paulo, 25 de outubro de 2022.

Membros da banca examinadora:

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Carminda Mendes André
Banca examinadora

Dedico este trabalho ao meu amigo
Arthur Bispo do Rosario.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às professoras Rita e Carminda por tanta generosidade, sabedoria e delicadeza.

Assim como a todas as pessoas mágicas com quem tive o prazer de conviver breves ou longos períodos, especialmente a Melquíades de Macondo, à Princesa de Bambuluá e à Dona Rosalina.

Também agradeço aos sabiás-laranjeiras que cantam à tarde só para me salvar do trânsito de São Paulo, ao saci que uma vez estapeou a cara da menina minha mãe em uma roça de algodão de Goio-Erê, à Coleção Vagalume de literatura infantojuvenil, à música da América Latina, à Gibiteca Henfil e, sobretudo, às matas que guardam um mistério profundo e eterno que a gente só faz matar todos os dias com nossa realidade absurda.

RESUMO

Inspirada na mitopoética que o artista compôs no seu trabalho mais conhecido, o chamado Manto da Apresentação, apresento as costuras de uma correspondência entre mim e Arthur Bispo do Rosario durante o curso zodiacal que teve início em março de 2020, no signo de Áries, e término em fevereiro de 2021, no signo de Peixes. As cinco cartas escritas a punho e tramitadas via correio revelam a intimidade autorizada de dois amigos separados no espaço e no tempo, que compartilharam, entre outras, a experiência do confinamento compulsório.

Palavras-chave: Metodologia epistolar. Autonarrativa. Descolonialidade.

ABSTRACT

Inspired by the mythopoetics that the artist composed in his best-known work, the so-called *Mantle of Presentation*, I present the seams of a correspondence between myself and Arthur Bispo do Rosario during the zodiacal course which began in March 2020, in the sign of Aries, and ended in February 2021, in the sign of Pisces. The five handwritten letters sent by mail reveal an authorized intimacy of two friends separated in space and time, who shared, among other things, the experience of compulsory confinement.

Keywords: Epistolary Methodology. Self-narrative. Decoloniality.

IMAGENS

Figura 1 – [Manto da Apresentação, s.d.] (Arthur Bispo do Rosario). Costura, bordado, escrita. 118,5 x 141,2 x 5 cm. Coleção Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Fotografia de autoria desconhecida.
Fonte: <https://museubispodorosario.com/acervo/manto/>

Figura 2 – Amor, 2019 (Vitoria Dias Cuba). Bordado com fios de algodão sobre trapo de linho. 24,5 x 21,7. Acervo da artista. Fotografia digital: Theo Yano.

Figura 3 – Figura central de Assunção de Nossa Senhora, Glorificação da Virgem Maria ou Coroação de Nossa Senhora da Porciúncula, 1801-1812 (Manuel da Costa Ataíde). Fotografia digital de autoria desconhecida.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mestre_At%C3%ADde#/media/Ficheiro:At%C3%ADde_-_NSPorci%C3%BAncula.jpg

Figura 4 – Print de detalhe da abertura da telenovela Xica da Silva (1996-1997).

Fonte: <https://www.palomitacas.com/serie/ficha/xica-da-silva-46143>

Figura 5 – Baianinha, 2019 (Vitoria Dias Cuba). Bordado com fios de algodão sobre trapo de linho. 34 x 23,5 cm. Acervo da artista. Fotografia digital: Theo Yano.

Figura 6 – Deusa me dê fenda, 2019 (Vitoria Dias Cuba). Bordado com fios de algodão sobre trapo de linho. 31 x 34 cm. Acervo da artista. Fotografia digital: Theo Yano.

Figura 7 – Saudade do Brasil, 2019 (Vitoria Dias Cuba). Bordado com fios de algodão sobre trapo de linho. 28,5 x 28,5 cm. Acervo da artista. Fotografia digital: Theo Yano.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
2.1	CARTA 1	13
2.2	CARTA 2	22
2.3	CARTA 3	32
2.4	CARTA 4	38
2.5	CARTA 5	47
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	55
	ANEXO A	60
	ANEXO B	61
	ANEXO C	62
	ANEXO D	63
	ANEXO E	64
	ANEXO F	66

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2020, isto a que chamamos de realidade não foi fácil. Não bastassem as catástrofes no governo federal e os problemas pessoais, um vírus desconhecido e mortal começou a circular pelo mundo e nos prendeu dentro de casa, sem perspectivas diante de um futuro incerto e a ameaça do contágio. Em meio a intermináveis períodos de bordado compulsivo para não perder a alegria de viver a poética, decidi escrever para um amigo que conhecia em São Paulo no ano anterior, em 2019, quando estagiei como educadora na exposição à Nordeste, no SESC 24 de Maio. Arthur Bispo do Rosario e eu estabelecemos uma conexão sobretudo espiritual, mesmo em mundos diferentes. Ele lá, eu aqui.

Em fase de concluir o longo curso de BLAV, já se vão seis anos, para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tomei uma segunda decisão: publicar a correspondência realizada com Bispo durante doze meses, de março de 2020 a fevereiro de 2021, fase mais crítica da pandemia da COVID-19. Pois ao reler recentemente essas cartas escritas a mão, que tomei o cuidado sentimental de digitalizar antes de postar nos correios, vejo um resumo oportuno de tudo o que eu tenho para falar agora: a distopia em que se encontra o mundo, o impacto da pandemia que atravessou a todos nós para sempre, o avanço da Era Digital, a alquimia entre a vida e os aprendizados ligados ao curso de arte. As poéticas, as pesquisas, os sentimentos, as críticas, a cultura, tudo se mistura e se apresenta em forma de cartas, as linhas do traço sobre o papel, um bordado a quatro mãos.

Falei com Bispo antes de apresentar essas cartas para outras pessoas, dado o caráter íntimo do gênero epistolar, mas ele lavou suas mãos habilidosas, deixou a meu critério revelar as intimidades do meu coração, desde que preservasse as dele. Por isso, para este trabalho, em respeito ao desejo do destinatário, revelo apenas metade da correspondência, a digitalização e transcrição das cartas que escrevi e postei nas

agências dos correios situadas nos bairros paulistanos do Tatuapé, Jd. Ângela e Bela Vista. Ao final do TCC, apresento as cartas escritas a punho digitalizadas, já que os manuscritos originais estão em poder de Arthur Bispo.

A correspondência segue o curso do sol pelas constelações do zodíaco e, como não podia deixar de ser, revelam características essenciais dos períodos que relacionam a passagem do sol pelas constelações da eclíptica e a vida na Terra. São cinco cartas cujo teor se refere aos elementos essenciais da criação, sejam eles o fogo, a terra, o ar e a água, que o Manto da Apresentação, por meio de sua forma pentagonal, ascende e espiritualiza. Com seus cinco pontos, “como quatro mais um também personifica a quintessência, a preciosa substância além dos quatro elementos (...) que definem a nossa realidade terrena” (NICHOLS, 2020, p.134).

E, dado o caráter íntimo e subjetivo de sua poética, nas cartas que lhes apresento neste TCC, em ordem cronológica, incluo notas com os comentários que se fizeram necessários para melhor compreensão das linhas do nosso bordado que, assim como os cordões do Manto, se voltam para nossos umbigos conectados.

2.1 CARTA 1

Tatuapé, período de Áries, 2020.

Querido Arthur Bispo do Rosario,

Quando o deus das palhas começou a grande reforma do oriente para cá, acompanhando o curso do sol cigano, eu sabia que seria contagiada. Como parte perplexa do sentimento de mundo, sempre pego todas as bexigas e sobrevivo ao doloroso renascimento, em meio a êxtases de dor e levitação¹. Agora, aqui dentro de mim me sufoca uma minúscula partícula do mundo que começou a se reproduzir sabe-se lá

1 Teresa de Ávila ou Teresa de Jesús foi uma mística que viveu no século XVI, na Espanha. As histórias que nos chegaram sobre suas realizações são impressionantes. Não bastasse ter sido uma importante administradora política em uma época em que as mulheres não podiam sequer participar dos debates públicos da sociedade, Teresa escreveu mais de 300 cartas e diversos textos de pegada poética e filosófica, em meio a experiências místicas num limiar entre a vida e a morte. O trecho da carta que aqui comento relaciono diretamente com uma escultura barroca realizada por Gian Lorenzo Bernini entre 1645 e 1652 (ANEXO A). Nela, aspectos da biografia de Teresa são representados: as doenças que a prostravam periodicamente, o contato com seres mitológicos ligados à sua religião, a levitação e o erotismo da flecha com que o anjo trespassa o corpo em êxtase. O erotismo evidente na escultura parece aludir às composições literárias da própria poetisa representada, canonizada pelos católicos como santa. A segunda estrofe de *Mi amado para mí* (JESUS, 1954, p. 955) diz:

*“Cuando el dulce Cazador
Me tiró y dejó herida
En los brazos del amor
Mi alma quedó rendida,
Y cobrando nueva vida
De tal manera he trocado
Que mi Amado para mí
Y yo soy para mi Amado.”*

“Quando o doce Caçador
me atirou, fiquei rendida,
entre os braços do amor
ficou minha alma caída.
E ganhando nova vida,
de tal maneira hei trocado,
que é meu Amado para mim,
e eu sou para meu Amado.”
(Tradução nossa)

onde, saída da lança do velho deus que não quer punir ninguém, apenas iniciar a mudança, atribuição de caráter amoral. Pois se alguém tenta reformar com emprego da violência, é imoral, a gente viu na História com H maiúsculo, como, por exemplo, a "força de uma cultura europeia colonizadora, onde vozes consideradas estrangeiras não podiam se levantar, eram idiomas fora da lei, fala de renegados." (hooks, 2017, p. 224–225)²

Mas quando o que chamamos de natureza ou deus mata, devasta, destrói, genocida, extermina crianças, bicho mais forte comendo o bicho mais fraco o tempo todo, nossa estranha compreensão considera amoral, que não se pode atribuir juízo de valor algum.

Às vezes convém me perguntar se a Terra é boa e má, como a gente, Arthur, sobre o que jamais ousarei pensar, sequer tentar responder. No momento em que mais precisamos da ciência, se da esperança participa o conhecimento, intuo as escolhas da Terra e é ao espírito do mundo que me integro agora por privilégios de retocada. Nada de tipo de sangue ou qualquer outra explicação científica para fazer entender as escolhas dessa coisinha redonda e invisível que, como nós mesmos, não se importa de matar seu hospedeiro. Em princípio, dentro do epicentro terráqueo, depois transportada pelos gafanhotos de aeroporto para todos os cantos da sofrida célula atacada.

Sei que todos aqueles que estão abertos demais serão invadidos por esse sentimento de mundo. É um deus que eu quero que não pretenda a remissão dos pecados de ninguém. Girando, ele levanta a lança feita do asteroide Chicxulub e aponta

² Outra referência que a primeira carta para Bispo apresenta é a também escritora de recente e fundamental influência sobre todos nós: bell hooks nos ensina que a educação é uma prática para a liberdade. E como meio de alcançar esse utópico estado de espírito, a liberdade, hooks teoriza com base em suas próprias experiências que interagem as pedagogias anticolonialista, crítica e feminista. A educação, para a autora, é um lugar político e de resistência. Ter conhecido o livro *Ensinando a Transgredir* (2017) foi muito importante durante a experiência como arte-educadora na exposição à *Nordeste* (2019). Algumas vivências no educativo da exposição discorro na nota a seguir.

sobre nossas gargantas e narizes. Alguns sentidos desaparecem, junto com a gula e o asqueroso faro monetário, outros se tornam aguçados. Então eu vejo que muitas máscaras caíram, e nunca estivemos tão mascarados, andando pelas ruas, pessoas ressabiadas, a observar sem sermos observadas completamente. Era a última peça do vestuário que a muçulmana conhece há muito tempo. Período de estarmos cobertos, isolados em nossos próprios sentimentos nos porões particulares de um manicômio. Não sei dizer se alguma vez foi diferente.

No meu lugar, isso que chamamos de realidade contemporânea, a escuta é muito rara não é de hoje. O moralismo que vinha de cima, agora vem de todos os lados, divulgados e fortalecidos na internet, você nem conheceu, uma rede de computadores que une pessoas do mundo inteiro, separando-as em ilhas e isolamentos ideológicos cada vez mais fragmentados. Eu própria me sinto a minúscula partícula dentro de mim, sozinha e cancelada. E para sobreviver, a gente busca reproduzir em milhares de palavras, imagens, texturas, todas muitíssimo pequenas, ideias e sentimentos que infectam e mantêm o mundo vivo, com todas as suas maravilhas e horrores. Eu sabia que quem é capaz de bordar o Brasil inteiro num pedaço de pano também pode se comunicar com habilidade incomum. Aquilo que você fez é você mesmo, nas formas, as linhas, as linhas tortas, no registro incomum de suas memórias. Quando vejo você, penso como alguém como você sobreviveu a esse mundo que se deixou abraçar por uma asa de plástico capitalista. Nossa história em grande parte é uma mistura da ganância dos europeus, da dor dos africanos e da mágoa nativa. E é aqui, onde mais se sente a ação desse vírus de anosmia que nos afasta uns dos outros, que você renasce em mim um ano depois do contato com seu manto.

Os ciganos já chegamos à América, e estava previsto que assim que terminássemos a caravana do sol, do oriente para o extremo ocidente, o mundo acabaria ou tornar-se-ia outro. Pois foi durante a passagem da caravana do sol, em contato com um homem da rua, que eu me contaminei com o vírus um mês atrás. E ao me integrar com a humanidade, aproveitei para escrever sobre o paradeiro do Manto da Apresentação, se lhe interessa saber, e soprar as experiências espirituais que tive com isto durante e depois de uma exposição de arte.

"à Nordeste reuniu uma variedade de obras que, a partir das especificidades de seus artífices, instigaram reflexões e visões diversas sobre um mesmo universo, o nordeste brasileiro"³. Uma bagunça, uma mistura, uma poluição estética sem precedentes

3 Esse trecho foi extraído do catálogo da exposição, fala do Diretor do SESC São Paulo, Danilo de Miranda (2019, p. 5). A exposição aconteceu no quinto andar de um expoente da arquitetura armada do centro de Sampa, o famigerado prédio projetado por Paulo Mendes da Rocha, antes Mesbla, hoje reconstruído uma unidade SESC que mescla patrimônio urbano e a aparência meio shopping center dos espaços culturais ligados às instituições financeiras. Quando lá estagiei em 2019, ouvia dos funcionários que, pelo prédio, transitavam mais de dez mil pessoas todos os dias, dromocibernéticos da cultura de rua daquela quebrada de centro velho. Suas imensas rampas são convidativas e funcionais, integradas às misturas da cidade rápida, concreta, asfáltica, plural.

Mais de trezentas obras extremamente diversificadas (suportes, datas, estéticas) em um espaço pequeno. Durante o estágio, os arte-educadores fomos estimulados pela equipe de supervisores a desenvolver roteiros de visita para grupos agendados e demanda espontânea aos finais de semana, quando o espaço lotava de visitantes. Cada educador tinha que mediar pelo menos um grupo grande de EJA por noite e ficar disponível para as demandas de sábados, domingos e feriados. Antes da chegada dos alunos e seus professores, nosso educativo articulava os roteiros, a fim de não chocar os grupos e as dinâmicas diante das obras, pelos corredores estreitos da sala, no período comum de uma hora e meia de visita.

A fotografia Rodovia Transamazônica, Medicilândia – Pará (1994) de Paula Sampaio (ANEXO B) foi inspiração para pensar um roteiro que funcionasse como uma fenda no espaço expositivo com cerca de 190 artistas, ligando nas extremidades do recorte imaginado dois artistas homônimos, mas muito diferentes um do outro: Arthur Bispo do Rosario e Arthur Scovino. O recorte seguia um movimento cronológico dentro da exposição para considerar a relação das obras entre si, bem como os artistas com as décadas (contextos socioculturais) em que realizaram seus trabalhos, como Joãozinho Trinta, Alcione Alves, Saquinho de Lixo e Zé do Chalé. O roteiro previa 40 minutos de percurso pelas obras dos artistas escolhidos pela mediadora, com mais trinta minutos de circulação livre pelo espaço expositivo.

Todas as obras da exposição permitiam provocar assuntos contemporâneos ligados à decolonialidade, ao mundo do trabalho, questões de gênero, contextos históricos, insurgências, mercado da arte, extermínio dos povos indígenas, a vida dos cangaceiros, a saga da rainha Nã Agontimé e conhecimentos sobre o vodum no Maranhão. Grande parte dos alunos de EJA eram migrantes da região que se convencionou chamar de nordeste brasileiro, contribuindo com saberes e histórias de vida alinhados com as obras. Muitas vezes, me vi no papel de mediatizada pelo mundo, como diria Paulo Freire, como no dia em que uma aluna de EJA transformou a forma como eu estimulava os grupos diante do Manto da Apresentação (s. d.), conforme eu conto na carta para Bispo do Rosario.

Durante o percurso na fenda de Arthur a Arthur, o grupo tinha contato com algumas obras dispostas no centro da exposição, sob a temática Trabalho. Os trabalhos desse espaço formavam uma conexão muito forte para conversas sobre a vulnerabilidade social que historicamente se impôs ao nordeste,

num espaço expositivo pequeno do prédio de Paulo Mendes da Rocha, em São Paulo.

O mundo dos vivos e o mundo dos mortos, os Brasis que conhecemos estão separados cronologicamente, já que quando você foi embora eu tinha apenas nove anos de idade, mas sua veste e nossas origens nos conectam para sempre, você e eu, nós dois e os mundos. Só que antes de te contar minhas impressões sobre os visitantes da exposição, como se comportaram, interagiram, sentiram, dialogaram ao contemplar o Manto, convém explicar o que eu entendo como experiência espiritual.

Já te contei que vejo o formigueiro como um bicho só em movimento? A forma como os insetos interagem, movidos pelo instinto de sobrevivência e cooperação é feito corpo em movimento, onde cada membro do corpo tem uma função no movimento articulado do formigueiro. A liga sutil e impalpável que une todas as formigas é a manifestação do espírito. Mas não quero entrar nas investigações filosóficas sobre o espírito agora nem explicar como funciona o feromônio das formigas, a fim de embasar

fazendo com que massas de trabalhadores migrassem para outras regiões do país, como durante o ciclo da borracha, ou para o sudeste, a fim de trabalhar no chão de fábrica das indústrias do capitalismo. Nesse momento, uma obra que sempre intrigava os grupos era Tardius (2012) de José Rufino.

Ele próprio, descendente das elites coloniais nordestinas, herdou um mobiliário que utiliza até hoje para construir diálogos dicotômicos entre memória e esquecimento, opulência e decadência ou público e privado que constituem sua produção por completo. Era oportunidade para entrar nas discussões sobre o assunto Arte e Patrimônio, já que as obras de Rufino remetiam os integrantes dos grupos a memórias carregadas de “peso e velharia”, coisa de avô, de patrão de antigamente. Lembro alguém ter comentado sobre uns pedaços de cama com volutas em madeira de lei, grossas enciclopédias “sangrando”. Muitas vezes, os grupos ligavam a instalação Tardius a um passado de muito sofrimento, mais trabalhoso; no entanto, mais bonito, com móveis que, de tão belos, mais pareciam peças de museu, coisa de gringo, de imigrante. Com essas falas, evidenciavam o imaginário do povo brasileiro que associa história, museu e antiguidades e opulência.

Arthur Scovino era um dos poucos artistas da exposição não nascidos no nordeste, mas ex-estudante da Universidade Federal da Bahia – UFBA, com diversos trabalhos referenciados no tropicalismo e cultura baiana, especialmente sobre a vida em Salvador, onde morou durante os anos de graduação. Por isso, decidi incluir Scovino nos roteiros, não só para estimular algumas inquietações acerca da figura do artista e dos assuntos dos seus trabalhos, mas também para discutir o mundo de um sudestino que integra uma exposição acerca do nordeste. Afinal, sempre considerei interessante a visão do “estrangeiro” porque ele tem com que comparar. Para mim, Scovino era dos artistas mais contemporâneos da exposição, com seu trabalho feito de cacos de saberes fragmentados.

Assim como na mediação de Bispo do Rosario, a partir do momento em que o grupo conhecia um pouco a biografia do artista, depois de algum momento observando a obra com seus próprios olhos, mudava completamente sua relação com o objeto. No caso de Bispo, passavam a admirar ainda mais o Manto. Para o trabalho de Arthur Scovino, geralmente manifestações críticas. Penso que admirar ou rejeitar um trabalho levando em demasiada consideração a biografia de um artista seja uma característica da arte contemporânea, onde o contexto está integrado ao processo de interpretação, conforme diálogos com críticos de arte estudados durante o curso de artes visuais, como Mario Pedrosa e Daniela Bousso.

uma carta que se destina a dois propósitos principais: me comunicar com você e ainda dar conta de ligar as mitopoéticas de uma vida na metrópole, com a pretensão de quem borda durante anos a reconstrução do mundo. O que quero com isso de escrever é o que posso, a única comunicação possível agora, ou seja, embora meio sem cheiro nem gosto, interpretar o manto como quem está diante e dentro do espírito brasileiro.

Figura 1



A palavra espírito, antiga, com tantos significados diferentes e presente em tantas sabedorias desfiadas, (des)organizadas em fiozinhos cada vez mais isolados, é compreendida por diversas religiões, filosofias, pelo Chacrinha, pela minha mãe e por você de diferentes maneiras, embora o entendimento comum de espírito tem a ver, não sei se concorda, com a energia animadora que se manifesta no corpo físico. Como brasileiro catequizado, foi em português que você bordou o nome das mulheres da sua vida no avesso. Juntou no manto as memórias de comunidades sincretistas de Japaratinga, da vida de marinheiro, de pugilista, de faxineiro de bonde, de empregado doméstico, do manicômio. Na contemplação da mitopoética espiritual das suas linhas gravadas na coberta, descubro um destino de Medeia.

Como sabe, a famigerada personagem de Eurípides⁴ retirou o velocino de ouro do lugar consagrado por deusas e deuses e o entregou para Jasão. Desta forma, o velocino deixa um país desconhecido para os narradores do mito e passa a pertencer aos gregos. Longe de pretender comparar Manto da Apresentação e Velo de Ouro, a lembrança mais remota que tenho da minha infância é o mito que nos conta a história de uma mulher antiga e estrangeira. Li pela primeira vez no livro de mitologia que mamãe trouxe para o nosso barraco em Interlagos junto com as bugigangas que sua patroa europeia lhe descartava. Bem mais recente, na fase adulta, tenho você, que tornou fiapos e sucatas em objetos que eles chamam de arte. Medeia e você são os dois lados da ponte por onde andei.

4 A tragédia Medeia é datada de 431 a.C. e conta a história de uma feiticeira nascida na família que governava a Cólquida em conflito entre seus instintos de bicho e os protocolos da civilidade. Por amor a Jasão, o grego que comandou a viagem dos argonautas, à luz do seu mais antigo ancestral, o próprio deus Sol, Medeia teria cometido uma série de atos hediondos, como trair seu povo, esquarterar seu irmão e degolar os próprios filhos para se vingar de Jasão, o ingrato. A versão para o cinema de Pier Paolo Pasolini nos fascina ao apresentar uma mulher empoderada, imbuída de forças para muito além de qualquer juízo de valor diante das atitudes de uma bruxa que se confunde com a própria natureza selvagem, capaz de realizar prodígios, dominar o ar e o fogo, ouvir a voz da terra, agitar e acalmar as águas.

Há um trecho do meu filme preferido, Medea do Pasolini, não sei se teve a oportunidade de assistir. Quando uma das mulheres do coro sugere que a estrangeira recorra a poderes antigos de feitiçaria para se safar de uma ordem de exílio proferida pelo rei de Corinto, a maga em desgraça renega:

(...) Medeia: Aos feitos de magia?... Estou longe do meu país há mais de dez anos. Mulher do coro: Mas você continua sendo o que era. Medeia: Não. Sou uma outra criatura agora, esqueci tudo. O que era realidade, agora não é mais. Mulher do coro: Mas quem sabe, se quisesse, talvez pudesse se lembrar de seu deus. Medeia: Não... Talvez você tenha razão. Continuo sendo o que eu era: uma ânfora cheia de um saber alheio (...). (Tradução nossa, PASOLINI, 1969, 66'43"-67'26").

Em 2020, é a partir da tragédia grega que me pergunto: quem sou eu nesse Brasil colonizado, barroquizado, administrado pelo hediondo senão um pendrive cheio de um saber alheio? de filmes italianos a tragédias gregas? Onde estão em mim os saberes e memórias dos meus ancestrais africanos, do meu avô cigano, os espíritos indígenas, as evidências extraterrestres? Onde está tudo isso? Dentro da palavra "cultura"? Dentro da palavra/ser "Alvaro"? Dentro da palavra nova "(de)colonialidade"? Na fiação do seu manto.

Foi o Mercado que arrancou o Manto do mundo dos ancestrais e o entregou para a Administração. E o Mercado não é a mulher antiga que, ao se perceber numa ilha grega pela primeira vez, em companhia dos argonautas, sofreu a crise de não mais sentir a voz a Terra. Você criou o manto para se encontrar com Deus, mas lamento informar que o mais famoso dos seus mil e um trabalhos se encontra em poder de um museu na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e gira a roda da fortuna das instituições culturais daqui e de fora, exposto como objeto de arte para apreciação pública.

Durante as incontáveis e variadas conexões entre o Manto e os visitantes da exposição, mais de uma vez, como educadora, provoquei diálogos sobre a

comercialização de uma veste que você fez com propósito sacro. Como aquela que foi orientada pelo avô, o próprio deus Sol, a usar o vestido antigo para envenenar a rival, numa noite quente de Leão, uma senhora, estudante de EJA, que é um programa público de ensino a pessoas adultas, me interrompeu o trololó com a pergunta que mudou meu destino de educadora:

(...) Aluna: Ele não fez o manto para se encontrar com Deus? Arte-educadora: Isso. Aluna: Pois ele conseguiu o que queria. Cada um de nós aqui de frente para esse manto é Deus, é um pedacinho de Deus (...). (Comunicação pessoal, 2019).

Ah Arthur, não sabe como me emocionou o comentário dessa senhora, anônima, entre tantos outros jovens e adultos que já passaram da idade escolar ou que não tiveram oportunidade de estudar quando crianças e adolescentes: Deus nos pedacinhos. Desde então, dei para chorar toda vez que mediava o manto. Ela soprou que todos nós somos deusas e deuses diante da sua obra-prima e que seu propósito, por isso, estava contemplado. Gostaria muito de saber o que você pensa a respeito. Sobretudo agora, quando se encontra no mundo que não conheço.

Ao responder esta carta, me diga como foi seu encontro com Deus. É um único Deus ou existem muitas divindades onde você está. Torcemos para que haja um panteão de deuses hindus, orixás, grecorromanos, as divindades do Japão Antigo, todos em convívio absoluto: Deus nos pedacinhos. No conjunto de pedacinhos: uma única Divindade também. Quero saber por que cada detalhe do seu manto me importa para entendê-lo como espírito.

Sua antiga amiga Alvaro, o macho,
que agora atende pelo nome de Vitória,
Um beijo!

2.2 CARTA 2

Tatuapé, Período de Câncer, 2020.

Você,

Que ficou anos confinado nos navios da marinha do Brasil, outros tantos fechado na Colônia Juliano Moreira⁵, pode compreender o que são meses e meses presa dentro de casa. Existe um vírus galopante⁶ que se propaga pelo mundo e nos isola, mas cada vez que a peste tenta se aproximar com brutalidade e fome de guerra, eu faço como a outra, descosturo o trabalho e recomeço a compor os fios, a tramar texturas, a prorrogar quarentenas.

Agora, tenho todo o tempo do mundo para refazer meus bordados, em paz e angústia, no marco da transição de Peixes para Aquário⁷. Desde sempre, muito antes de

5 Segundo Dantas (2009), o destinatário dessa carta viveu, entre idas e vindas, cerca de 50 anos na Colônia Juliano Moreira. A instituição, situada no bairro de Jacarepaguá, na capital do Rio de Janeiro, foi criada para abrigar todas as pessoas que eram classificadas como anormais pela sociedade, como alcoolistas e doentes psiquiátricos. Hoje, a instituição comporta o Museu Bispo do Rosario Arte Contemporânea.

6 De acordo com o site da Organização Mundial de Saúde, o coronavírus começou a se espalhar pelo mundo em 2020 e causa uma doença infecciosa que pode ser letal, a COVID-19. É impossível, neste momento, ignorar as transformações que esse vírus recém-descoberto causou no mundo, nas pessoas, em mim mesma.

7 Seguimos um ciclo chamado de O Grande Ano, período de 25.868 anos que a Terra leva para passar pela influência global dos doze signos do zodíaco, cerca de 2.000 mil anos cada um: as Eras. Para os pesquisadores de astrologia Derek e Julia Parker (1975, p. 45), a Era de Peixes surgiu junto com o advento do cristianismo no ocidente e foi marcada por uma série de características e generalidades ligadas à energia pisciana, como o messianismo e a diversidade fluida dos estilos artísticos ao longo da história. No século XX, transição entre dois períodos muito longos, vivemos anos loucos em meio às influências de dois signos diversos, um que esteve na regência do passado e outro que aponta para o futuro. Segundo os Parker, na Era de Aquário, a partir do ano 2.000, a civilização se torna cada vez mais fundamentada na robótica e na tecnologia, e por elas dominada.

você e do pano de Penélope⁸, aquém do surgimento da primeira aranha, só é possível agora viver a bordadeira solitária e antiga que espera. Nossos assuntos gravados em trapos, frágeis tecidos que serão consumidos brevemente pelo tempo, revelam as linhas de uma intimidade violentada.

Seguro tesouras e facas, corto e enfio a agulha no pano, depois toco o relevo erótico, onde se revelam as cores vivas das horas perdidas. Enquanto bordo, assisto a uma telenovela antiga exibida pela extinta Rede Manchete⁹, que se inspira na biografia da lendária escravizada e alforriada Francisca da Silva de Oliveira, a Chica da Silva, amante do contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira, que viveu no Arraial do Tijuco, hoje Diamantina, entre 1753 e 1770. Os 231 episódios da novela estão disponíveis no Youtube. Não sei se você compreende o que é uma plataforma digital de compartilhamento de vídeos, já que morreu em 1989, mas acredito que possa entender quando eu me refiro à construção de um imaginário.

Para Marta Dantas, que publicou em 2009 uma pesquisa sobre sua vida e obra, o Manto da Apresentação reflete o imaginário de um menino de raízes africanas, nascido no Nordeste do Brasil, criado em meio às festas e rituais da tradição católica, incorporado ao espírito do cacique Yaparatuba¹⁰ e à ancestralidade da cultura afro-brasileira, e Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

8 Esposa de Odisseu, Penélope dedicou-se a tecer uma grande mortalha, declarando aos pretendentes que não podia contrair novo casamento antes de terminar aquele tecido designado a envolver o corpo do seu sogro Laerte, quando este morresse. Assim, por três anos, alegou esse engenhoso pretexto, sem que sua obra jamais acabasse, porque ela desfazia de noite o que fizera de dia, enquanto aguardava o retorno de Odisseu da Guerra de Troia (COMMELIN, 2011, p. 320).

9 Rede de televisão comercial brasileira fundada em 1983 pelo jornalista e empresário Adolpho Bloch (1908-1995) e extinta em 1999.

10 Como nos explica Silva (1998), o cacique Yaparatuba comandava uma das tribos indígenas que povoavam a região onde Bispo nasceu. Seu nome significa “rio de muitas voltas”.

Figura 2



Glória, glória rainha!
Glória Xica da Silva!

Sou Xica, sou Xica da Silva
Sou Xica escrava, sou Xica Rainha¹¹

Mãe d'água nua no rio e madres superiores sádicas, quilombo liderado por Leci Brandão¹², bruxas e inquisidores satânicos vindos de Portugal, bugres fedidos com piolho, putas insaciáveis na taverna escura, Eduardo Dussek¹³ capitão da guarda, poeta apaixonado pela madrasta, delator com a boca costurada, uma bagunça inacreditável que, confesso, muitas vezes por pouco não me fez levitar em êxtase diante das imagens, feito a Santa Teresa d'Ávila, do sofá dos meus avós. Creio que, para grande parte da

11 Trechos da música de abertura Xica Rainha, composta por Marcus Viana (1996), foram distribuídos ao longo da carta. Viana é um compositor de Belo Horizonte que fez trilha sonora para algumas telenovelas brasileiras.

12 Sambista, cantora, compositora e política brasileira. Na novela Xica da Silva interpretou a líder quilombola Severina.

13 Ator, cantor, compositor e pianista brasileiro. Compôs Cabelos negros (1982), Aventura (1991) e Doméstica (1991). Viveu o capitão-mor Gonçalo na novela Xica da Silva, que demonstrava desprezo pelas mulheres, especialmente pelas escravizadas e pela esposa, a qual considerava apenas uma escaradeira para aliviar as necessidades sexuais do marido. Tinha uma paixão platônica pela filha mais velha e admirava o corpo militar dos homens que comandava.

sociedade brasileira da década de 1990, a trama e o contexto histórico de uma telenovela pitoresca que alcançou enorme popularidade no país contribuíram com a formação de um imaginário do período colonial e barroco das cidades históricas do ciclo da mineração de diamante, esmeralda e ouro no Brasil, que no início do século XVIII se concentrou principalmente em Minas Gerais.

Recentemente, li um livro de um estudioso chamado Giulio Argan, autor de muitas pesquisas interessantes sobre o barroco lá das quebradas dele, a Europa, você tinha que ver. Ele explicou que, no Renascimento, o artista tem relação mais íntima com a Igreja e com a nobreza, o que começa a mudar drasticamente a partir do século XVII, quando tem início um estilo artístico e arquitetônico marcado pela especialização do trabalhador.

Para Argan, o artista barroco é um profissional burguês, a nova classe está extremamente interessada em todas as possibilidades da técnica, sobretudo na técnica da imaginação. A arte daquele tempo cumpria também a função de propaganda da Igreja Católica Apostólica Romana em crise e insatisfeita com o advento da Reforma Protestante e adquire um impulso bastante diferente da razão natural renascentista, bem como dos ideais de moderação e equilíbrio do neoclassicismo iluminista que sucedeu ao barroco. Diz que foi uma época de irracionalismo entre dois períodos racionalistas, sabe?

Mas, veja, sem querer ficar te aborrecendo com meus entusiasmos de estudante, só queria mesmo é destacar um detalhe sobre um pouco de leituras a respeito do barroco porque vejo que tem a ver com a história da arte no Brasil e com seu trabalho, embora você seja ou tenha sido um artista contemporâneo e não burguês. Como concluiu Ana Mae Barbosa, autora sobre quem ainda hei de te falar pessoalmente um dia, a chegada de Dom João VI ao Brasil em 1808, juntamente com um grupo de acadêmicos

neoclássicos, formado por artistas e arquitetos franceses, combateram o estilo anterior em voga na monarquia brasileira, o chamado Barroco Ingênuo. “A Academia imperial de Belas Artes foi, portanto, a primeira invasão que o processo cultural no Brasil sofreu por ação governamental, transformando o gosto local” (BARBOSA, 2016, p. 2). A arte francesa, o neoclássico, ligados à corte, aos ricos, à monarquia portuguesa, tornaram-se modelos do bom gosto, em menosprezo aos artistas que, como Mestre Ataíde, representavam em suas obras aspectos da cultura do Brasil Colônia, como a miscigenação e as cores tropicais que o sol satura. Falo das obras como a que se refere a abertura de Xica da Silva, que revejo enquanto bordo como introdução de cada capítulo disponível na plataforma.

Para a bordadeira solitária, assistir à telenovela é uma forma de acessar muitos passados, você bem sabe, já que também experimentou bordar no confinamento sua própria ancestralidade, como uma aranha que sabe fazer teia desde sempre. O novelo e a novela revelam a adolescente que via na televisão da sala da avó, que bordava meus riscos no tecido, a famigerada Chica da Silva, a estética alusiva ao barroco, os artistas da novela antiga que já passaram do meu mundo para o seu, as histórias do Brasil. E, enquanto assimilo Europa das Capitais – Aspectos Políticos, Sociais, Históricos e Estéticos – na fase adulta de uma vida absolutamente barroquizada, falo sobre uma memória pessoal ligada ao barroco brasileiro, mais especificamente ao barroco mineiro que a televisão aberta sugeriu no ano de 1996.

Virada no impulso vital dionisíaco¹⁴, bizarra, caricata, engraçada, confusa, excessiva, debochada, macunaímica, erótica, a telenovela parece refletir aspectos do Brasil atual e do Brasil barroco, seja na caracterização de uma novela de época, seja por causa da "irracionalidade" de eventos em cenas antológicas da televisão aberta, como a que Xica prepara e serve para a corte do Tijuco uma feijoada feita com carne humana.

A abertura da telenovela apresenta a protagonista Xica, interpretada por Thaís Araújo, atriz preta com então 17 anos de idade, como Nossa Senhora dos Anjos em um cenário inspirado na pintura barroca preservada no teto da igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto: Assunção de Nossa Senhora, de Manuel da Costa Ataíde¹⁵.

Depois do susto que foi visitar a Igreja e Convento de São Francisco de Salvador, em 2019, viagem recente sobre a qual te contei, do que me recupero até hoje; susto por causa da extraordinária exuberância, aquela gordura dourada de excessos ornamentais, volutas voluptuosas descendo pelas paredes e colunas, outro destaque de tudo o que podemos conhecer do período barroco brasileiro é o teto que inspira a abertura da telenovela.

Ainda não tive a oportunidade de visitar as edificações das cidades históricas de Minas Gerais, mas pelas imagens disponíveis na Internet podemos apreciar

14 Abbagnano (2007, p. 83) explica que o espírito dionisíaco e o espírito apolíneo formam dois lados de um mesmo corpo muito comentado na filosofia. Refere-se às diferenças entre os deuses gregos Apolo e Dionísio, antítese entre a forma e a ordem, de um lado, e o obscuro impulso criador, do outro. O espírito apolíneo domina as artes plásticas, que são harmonia de formas; o espírito dionisíaco domina a música, que é, ao contrário, desprovida de forma porque é embriaguez e exaltação entusiástica. Já Ruth Benedict (2013), ao analisar as características e costumes de dois distintos povoados americanos, reconheceu o apolíneo nos povos Pueblo, do sudoeste estadunidense, e o dionisíaco nas culturas nativas das Grandes Planícies. Ruth explica que cada cultura seleciona como adequadas certas características de conduta que incidem sobre o comportamento da pessoa que faz parte dessa cultura. O Brasil tem ouvido musical, diria Caetano Veloso, o que não é normal (VELOSO, 1978, L2, f. 8), assim como é peculiar a forma da personagem Xica da Silva se comunicar, chacoalhando os ombros. Pois foi Apolo que salvou a vida de Bispo, "atraindo a verdade dionisíaca para o mundo das belas aparências, transformando seu sofrimento em fenômeno estético." (DANTAS, 2009, p. 87).

15 Mestre Ataíde (1762-1830) foi um professor, pintor e decorador brasileiro que viveu em Mariana. Sua obra preservada está espalhada pelas cidades históricas de Minas Gerais, como pinturas de teto, painéis, douramento de talhas e encarnação de estátuas, em estilo barroco e rococó.

aspectos que se alinham às descrições de Argan sobre as características do barroco da Itália e da Europa, que tanto influenciaram a cultura brasileira do período colonial até os dias de hoje, conforme te imprimi (Figura 3).

Acima de representações de pórticos e colunas, de uma abertura para as alturas celestiais, Nossa Senhora irradia junto de uma orquestra de anjos e querubins, sendo que a orquestra não se mostra à toa, pelo acaso da imaginação do artista deslocada do contexto sociocultural de Ouro Preto, já que os festejos em honra do primeiro bispo de Mariana inauguram uma tradição nas cidades e vilas mineiras, a partir de 1749, que se estenderam século XIX adentro e tornaram as cidades do ciclo do ouro verdadeiros baluartes da música eclesiástica (HOLANDA, 2015, n.p).



Figuras 3 e 4

Apesar de também monumental, realista e dramático, no teto os instrumentos e traços fisionômicos das representações de anjos e de Nossa Senhora exprimem a cara do povo brasileiro miscigenado e refletem um barroco rudimentar, que a crítica chamou de ingênuo, feito por artesãos com poucos estudos que, mesmo orientados a reproduzir o sofisticado barroco português, se autorretratavam nas pinturas e esculturas do período. Assim como o barroco na Europa, patrocinado pela Igreja em disputa propagandista contra o advento protestante, ocupava-se da “necessidade prática da demonstração visual dos fatos da própria história, visando à edificação e ao exemplo” (ARGAN, 2004, p. 57), “aqui o poder e a fé andaram juntos, na conquista do Novo Mundo” (ARAÚJO, 1998, p. 16)¹⁶.

A figura central da grande composição de Ataíde no teto da nave, mostrando a Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula com traços mestiços, foi motivo para um grande babado. Estamos certos de que você, assim como a Igreja, não concordaria com a forma como representaram a Virgem¹⁷. A abertura original, tosca reprodução do teto barroco, provoca com Xica vestida como Nossa Senhora, com manto azul, véu amarelo e mangas vermelhas, rodeada de anjos musicistas. No final da abertura, um anjinho puxa o manto e descobre o ombro de Xica, que expressa um sorriso lascivo para a câmera. A

16 Lembro do texto introdutório do catálogo da exposição “O universo mágico do barroco brasileiro”, que eu visitei em 1998, quando o curador baiano Emanuel Araújo destaca a Virgem, em suas palavras, mulata, retrato provável da esposa de Mestre Ataíde, representando Nossa Senhora da Porciúncula carregada por anjinhos mulatos, seus filhos. O primeiro curador do Museu Afrobrasileiro refere que é um cenário de contemplação mais próximo de nós, íntimo e humano.

Porciúncula foi a terceira igreja em estilo maneirista restaurada por Francisco de Assis, na Itália, no século IX. Nossa Senhora dos Anjos, segundo site da Paróquia Porciúncula de Sant’Ana no Rio de Janeiro, é uma das diversas representações de Maria, mãe de Jesus Cristo, que, para os católicos, teria aparecido em sonho a Francisco com orientações, não sem envolver nesta participação uma legião de anjos que ajudaram e adornaram o santo na santíssima incumbência. A Porciúncula é a mais sagrada das igrejas ligadas à vocação de Francisco de Assis, já que foi o local para onde o padroeiro dos animais teria se retirado quando renunciou às riquezas de sua família para viver junto daqueles que viviam em situação de vulnerabilidade na época, como doentes e pessoas com deficiência abandonadas por suas famílias.

17 Dantas (2009, p. 63) diz que o modelo de mulher para Bispo era a Virgem Santíssima, sendo que todas as outras deveriam seguir seu exemplo, mantendo-se castas.

letra da música da abertura, composta por Marcus Viana, acentua tanto a caracterização do período barroco quanto a erotização e malícia que marcaram a trama da novela do começo ao fim. Já a composição musical como um todo só faz alvejar um tipo de música eclesiástica executada nas capelas, à moda portuguesa do século XVIII, com seu coro de vozes em falsete, triângulos, flautas, oboés, rabecas e violinos:

Do céu das Gerais
A mais linda estrela
Do Tijuco a princesa
Me chame de alteza!

Anjo, diabo e mulher
Negro diamante
Sou Xica da Silva

Com base na cronologia da História da Arte, os contextos históricos em que o estilo barroco se desdobrou em gordurosas volutas de ouro no mundo ocidental, compreendo que, se uma vez a televisão me persuadia, a mesma persuasão às lágrimas eu pressenti ao visitar as igrejas barrocas de Salvador e intuir a sensualidade da Chica/Xica da Silva mineira, de alguma forma representada em cada olho puxado e malicioso de anjinho sacro. Também persuade a composição de Ataíde ao apresentar uma pintura que denota as minhas próprias características físicas e espirituais; é uma emoção que, concluindo com as palavras de Araújo,

Se traduz em ressonância cultural de um espírito mestiço, nas representações iconográficas dos santos de pura mulatice, santos gordos, morenos, de olhos puxados e lábios sensuais, Nossas Senhoras esvoaçantes, navegando pelo universo suspensas por anjos mulatinhos, de um sincretismo que vai incorporando ludicamente o corpo e a alma, já que as mãos eram mestiças, brasileiras (...). (1998, p. 22).

Diante de uma imagem do espírito da mistura, você é capaz de me responder se o barroco brasileiro é o mesmo barroco europeu que, como pretende Argan, tanto manifestou sensivelmente o movimento, o ritmo e os valores da existência? Ou será que as expressões do exuberante estilo artístico nessas terras morenas podem ser consideradas outro barroco, ou até mesmo outro estilo, um ramo, uma vertente? Em tempos de revisão da palavra mulato, certamente existem infinitos estudos para perguntas assim. Mas isso já são cenas para os próximos capítulos, Arthur.

Aguardo ansiosa sua resposta.

Sempre sua,

Vitória:

Sou, sou anjo barroco
(barroco?)
Sou, santa do pau oco
(do pau oco?)

2.3 CARTA 3

Tatuapé, Período de Libra, 2020.

Ai Arthur, que gostoso receber notícias suas. Já estava preocupada por você não ter respondido ainda em Leão ou Virgem à última carta. Folgo em saber, para usar uma expressão típica de uma servidora pública, que esteja bem no mundo de lá e que o mundo de cá, o mundo dos vivos, seja tão semelhante ao mundo dos mortos. Até parece que a vida não tem uma antítese, mas várias etapas de eterna continuidade.

Sobre o que você, guiado por Exu¹⁸, escreveu a respeito do reencontro com seus antepassados africanos, me lembro do que soube sobre Nã Agontimé, a rainha de dois mundos. A fascinante história da princesa do Daomé que foi vendida como escrava no porto de Uidá¹⁹ e trazida para o Brasil dos Navios Negreiros não está diretamente ligada a Japarutuba, aos pretos do Sergipe e à família do meu amigo, mas é importante referência da diáspora negra, à Coisa Feita:

Um mulherão, balangandãs, cerâmica e sisal
Língua assim, a conta certa entre a baunilha e o sal
Fogão de lenha, garrafa de areia colorida
Pedra-sabão, peneira e água boa de moringa
Sou de arrancar couro
De farejar ouro
Princesa do Daomé
Sou avatar vodu, sou de botar fogo
Princesa do Daomé²⁰

18 Uma capa de Exu, sem data nem título, Bispo costurou com as mesmas mãos de ancestralidade de compor o Manto da Apresentação (ANEXO C).

19 O Porto de Uidá foi um local na costa do Benim onde pessoas eram comercializadas e enviadas para o continente americano para trabalho escravo.

20 João Bosco, Paulo Emilio e Aldir Blanc são os compositores de Coisa Feita, lançada por João Bosco em 1982 no álbum Comissão de Frente. Vítima da Covid-19, Blanc (1946-2020) foi homenageado com a Lei Federal 14.017/2020, conhecida como Lei Aldir Blanc, que visa estabelecer ajuda emergencial para artistas, coletivos e empresas que atuam no setor cultural e atravessam dificuldades financeiras durante a pandemia.

Vou contar o que aprendi sobre a história dela em contato com os Zeladores de Voduns, de Marcio Vasconcelos²¹, na ocasião de trabalhar na exposição à Nordeste, onde também descobrimos seu Manto. Espero que possam te inspirar incríveis bordados, agora cobrindo com texturas desconhecidas aos vivos, saber que Nã nasceu no final do século XVII, admirável e sede de sabedoria, no antigo Reino de Daomé, hoje Benim, para tornar-se rainha de um reino intercontinental, uma das esposas do rei Agonglo, com quem gerou o menino Gakpe.

O rei Agonglo, antes de morrer precocemente, com pouco mais de trinta anos, fez conhecida a revelação do sacerdote de Ifá de que Gakpe fosse o sucessor do trono do Reino de Daomé. No entanto, sua vontade não foi cumprida. Adanuzam, o outro filho de Agonglo, tomou o trono e deu início a um governo marcado pela violência e tirania, sendo que duas de suas incontáveis bolsonarices foi condenar Gakpe ao exílio e vender a rainha Nã Agontmé para os traficantes de escravos em Uidá.

De acordo com pesquisas de artistas como Pierre Verger²² e Marcio Vasconcelos, a rainha veio para o Brasil cerca de 1800 e foi aqui que fundou e difundiu o culto de tradição Ewe-Fon²³. Conta-se que, ao recuperar o trono em 1818, Gakpe, então conhecido como Gezo, prende seu irmão Adanuzam e envia expedições para a América em busca de sua mãe. Em uma biografia que mistura mito, tradição oral e pesquisa

21 Márcio Vasconcelos realizou uma pesquisa sobre o tambor de Mina no Maranhão, o que resultou no livro de documentação fotográfica Zeladores de Voduns do Benin ao Maranhão. O fotógrafo passou um período de pesquisa orientada sobre o culto dos voduns nas duas regiões, que foi trazido para a América por pessoas escravizadas procedentes do antigo Reino de Daomé, hoje República do Benim. De acordo com Vasconcelos (2016), *grosso modo*, os voduns seriam espíritos ancestrais de importantes realizações e benefícios para a comunidade que se evocam nos rituais do tambor de Mina.

22 Pierre Edouard Leopold Verger (1902-1996) foi um fotógrafo, escritor e etnólogo francês que se iniciou no culto de divinação no Benim, tendo renascido na graça de Ifá com o nome de Fatumbi, em 1948, mesmo ano em que conheceu e documentou a religião dos voduns, de São Luís do Maranhão.

23 O termo fon/ewe ou ewê é o nome de grupos étnicos e linguísticos que procedem do Sudão, da Nigéria, do sul do Togo e do Benin. De acordo com informações no site do Terreiro Xwe Vodun Zo, os ewê são um povo originário do reino de Oyo que, no século XIII, migrou para a cidade de Ketou no Daomé, fugindo das constantes guerras e da perseguição dos sacerdotes.

histórica, Nã Agontimé teria retornado para o Reino de Daomé não sem antes fundar um reino no Brasil que resistiu à colonização, à catequese, à escravidão, ao tempo.

Ainda vou ao Maranhão conhecer pessoalmente as casas de Mina, ah se vou! Vamos comigo, Arthur? Diz que nesses terreiros as noites são mágicas como a vida do clã da rainha Agontmé, onde se reverenciam orixás, voduns, caboclos e encantados do culto jeje; onde meu corpo se entrega e se abre. Baixa, seja como for!²⁴ De onde te escrevo, sentada nos restos mortais do tronco de uma paineira, uma deusa que viveu muitos anos no bairro de Kioto, te falar dessas religiões que acessam ancestralidades me causa um profundo estranhamento de saudade do que nem sei o quê.



Se vou escrever muito a escrever
Se vou esquecer muito a esquecer
Até dia que vou voltar²⁵

Figura 5

24 Esse verso é da música Extra, de Gilberto Gil, lançada no álbum homônimo, de 1983. Segundo Gomes (2022), antes de gravar o primeiro disco em que tratava explicitamente da condição de ser negro, Gil viajou para a Nigéria e Benim, quando pesquisou sobre sua ancestralidade e constatou que seus antepassados foram enviados para a Bahia desde a chamada Costa da Mina, região que compreendia Benim, Togo e Nigéria. Sobre esta viagem de 1977, Gil refere que “ninguém volta igual da África. A gente retorna querendo se aproximar daquela filigrana, daquela sagacidade rítmica típica do mundo africano.”

25 Cesária Évora (1941-2011) lançou Sodade no álbum Miss Perfumado, de 1992. Sodade foi composta por Amândio Cabral e é muito conhecida no mundo todo. Expressa a melancolia da saudade nas línguas português e crioulo cabo-verdiano.

Escrevo hoje de outro endereço em São Paulo. Você sabe que quando cortaram a paineira da chácara próxima a casa da minha mãe, aqui onde nasci e conheci o mundo, me dei conta de uma suspeita tão antiga como o mais antigo verso do poeta trovadoresco Mortinho da Silva que dava nome para a rua onde a árvore vivia: os paulistanos matam sua própria história como quem não sabe de nada. Olhar para a antiga paineira centenária, o tronco grosso e espinhudo, era ver o tempo e sentir reverberar a espuma do amor nos meus órgãos a envelhecer nostalgias todas as vezes que visitava a família velha, “eu muito bem, vindo de trem de algum lugar”²⁶.

Junto ao corte do tronco bem rente à calçada, restaram também os nomes de Nuno Fernandes Torneol²⁷ e Jonathan Swift²⁸ nas placas de ruas a cada ano mais desarborizadas, cujas biografias dei um Google não faz muito tempo, onde tem um povo que conta histórias sobre seus feitos literários, os interessantes mistérios em torno de Torneol, as viagens de Gulliver no país dos homenzinhos. Mas ninguém sabe explicar se os poetas antigos também gostavam de árvores. Até a chácara que servia para as crianças como esconderijo secreto e casa de bruxas terríveis virou uma creche administrada e decorada com luas de pneus pintados pelas professoras para plantas eternamente secas de sede.

Minha avó reclamava dos estardalhaços da imensa paineira. Não sei em que época do ano aquela árvore tão grande como um sentimento bom chovia uma tonelada de pequenas flores de cor adocicada. Se ventava muito, aquele doce rosinha caía à sombra sobre três quarteirões. Vovó, o terror de diversas árvores de Interlagos a Kaloré, muitas das quais mandou cortar sem nenhuma hesitação e misericórdia por nossas súplicas de que não o fizesse, em nome

26 Verso da poema Gente Humilde, de Vinicius de Moraes e Chico Buarque.

27 Nuno Fernandes Torneol foi um trovador de origem desconhecida que viveu em Portugal na corte do rei Afonso X de Leão e Castela no século XIII. Suas composições seguiam cânones tradicionais de construção poética em português arcaico. Quando criança, este era o nome da minha rua localizada na periferia da zona sul de São Paulo, no Jardim Kioto, região de Interlagos, onde comecei a experimentar minhas primeiras poesias à máquina escrever e papel de pão. Mas ao saber que Torneol foi um poeta medieval, a paineira já tinha sido cortada e eu já tinha me tornado adulta para lá do quinto setênio. A experiência de viver a infância na rua Nuno Fernandes Torneol foi como ser para sempre uma poesia medieval sobre amor, guerra, mistério e fantasia.

28 Jonathan Swift (1667-1745) foi um escritor anglo-irlandês muito popular do século XVII. Escreveu a obra-prima As Viagens de Gulliver.

de Deus e da Beleza, praguejava contra as flores que tinha de varrer do quintal mandado cimentar de ponta a ponta.

Mas a paineira, se bem me lembro, nem te ligo para a velha Joana. Florescia quando tinha de florescer, depois formava um fruto que ao estourar distribuía pelo bairro, para muito além daqueles quarteirões de casas simples, sua paina branca e macia. Claro que nós crianças adorávamos a dança da paina, mais tarde que elas também secaram e se tornaram adultos proprietários e zelosos pela preservação do bem privado. Os galhos eram tão grandes e grossos que ameaçavam a integridade dos moradores e de seus preciosos tetos e portas parcelados no cartão de crédito.

Segundo me contaram, foi por causa da queda de um galho sobre a sacada da Dona Maria que condenaram a paineira faz um ano mais ou menos. Descobri no susto, ao subir a ladeira da Bernardo de Claraval²⁹ e não avistar a gigantesca copa. Caminhei com barriga gelada e quando cheguei perto da destroçada, espatifada sobre uma esquina de poetas cimentados, fez-se manifesta a terceira cor daquela árvore sagrada: o verde. O verde que entrava pelo nariz e me causava uma dolorosa sensação de morte e de saudade.

Existe saudade onde você está, Arthur? É uma palavra tão cabo-verdiana...

Sodade, sodade!

O verde dos mananciais que cobrem grandes territórios da zona sul da cidade de São Paulo desaparece a olhos vistos. As comunidades avançam sobre as matas e os ricos e os empreendedores compram imensas áreas para construir condomínios, prédios, empresas, shoppings, supermercados, churrascarias, estacionamentos, concessionárias. Houve um tempo, quando criança, que acreditávamos, a professora Esmeralda e eu, que o verde da bandeira brasileira simbolizava a maior biodiversidade do planeta.

29 Bernardo de Claraval (1090-1153) foi um abade e escritor católico.

Um dos bordados do Manto é a bandeira brasileira, né, Arthur? Mas você não é capaz de imaginar o mal estar que nos causam hoje em dia os símbolos nacionais. A recente democracia avermelhada nos matizes do pau-brasil sucumbiu para dar lugar à administração do ódio. Meu Deus, meu Deus! mas que bandeira é essa?³⁰ O pau-brasil é vermelho, e até onde se sabe, o verde na bandeira nacional não representa Amazônia, Mata Atlântica coisíssima nenhuma, mas sim a Casa de Bragança do Pedro I, o imperador português do Brasil antigo.

Independência!

Mata!

Vitória

30 Verso de Castro Alves (1847-1871), em O Navio Negreiro (1880).

2.4 CARTA 4

Tatuapé, período de Capricórnio, 2020.

As coisas não vão muito bem, Arthur, por causa da pandemia, os noticiosos me deixam em estado de melancolia. Você percebeu na última carta, né? Mas sigo com os bordados à luz de velas e com meus estudos na universidade.

De todos os assuntos abordados em aula nos últimos dias, o que me causou especial estranhamento foi a crítica de Vigotski aos contos infantis no livro *Psicologia Pedagógica* (2003). Pois os contos de fadas, as fábulas, as mitologias, os contos de terror, a sombra medonha do meu avô projetada na parede pela luz da vela, quando faltava energia elétrica na casa da infância, são, talvez, o que me lembro de mais importante para minha formação como gente, a ponto de, já adulta, olhar para o Manto da Apresentação com os olhos de um bobo³¹ ou de uma criança e imaginar coisas fantásticas.

Todos os dias, esses dias em que a gente tem se arrastado diante do absurdo da sociedade digital, do consumo, do descarte, ultracapitalista, contaminada pelos asfaltos e pastos que engolem os biomas e drenam o espírito, imaginar para afastar a consciência da dura realidade é uma prática da adulta que continua a criança que só fez viver dentro da lenda.

O primeiro conto de fadas que me veio à memória ao ler a crítica de Vigotski foi o episódio “Cinderela”, da série *Teatro dos Contos de Fadas*³², exibido pela TV Cultura,

31 Em setembro de 1970, Clarice Lispector (1920-1977) publicou *Das Vantagens de Ser Bobo* no *Jornal do Brasil*. A crônica faz um contraponto entre a pessoa esperta e a pessoa boba. Enquanto “o esperto vence com úlcera no estômago, o bobo nem nota que venceu.” (Lispector, 2018, pp. 324-326)

32 A série estadunidense *Faerie Tale Theatre* (Teatro de Contos de Fadas) é composta de 27 episódios produzidos por Shelley Duvall entre 1982 a 1987. Cada episódio tem duração de 50 minutos e foram exibidos pela TV Cultura em 2010. Nessa versão, dirigida por nomes conhecidos do cinema, como Tim

em que a Fada Madrinha pergunta em tom irônico para Cinderela, quando esta demonstra ceticismo diante das promessas fantásticas da fada: “Alguém aqui sabe o que é realidade?”

Ao imaginar as personagens misteriosas de um conto infantil, como diabos e bruxas, a criança, segundo Vigotski, passa a regular e dirigir seu comportamento sob a influência de noções e critérios falsos e errôneos, que criarão o costume de agir nessas direções falsas que não correspondem à verdade nem à realidade. “Se, desde a infância, a criança se acostuma a acreditar na ‘cuca’, no ‘bicho-papão’, na feiticeira e na cegonha que traz os bebês, isso vai obstruir sua psique e determinar falsamente seu comportamento” (2003, p. 240).

Mas esses contos não são apenas histórias que os adultos usam para “educar” as crianças por meio do medo. São, antes de mais nada, alegorias e mitos que surgem da imaginação de um povo, da inspiração poética. São saberes, cultura e ancestralidade também. A crítica que condena a fábula na educação estética da criança, devido ao fato de os contos infantis de seu tempo faltarem com respeito à realidade, dialoga com outro ponto de vista do mesmo autor, escrita posteriormente³³, já que, para

Burton e Francis Ford Coppola, e interpretada por artistas reconhecidos internacionalmente como Liza Minnelli e Mick Jagger, alguns clássicos dos contos de fadas foram recontados com cenários e figurinos bastante requintados em um clímax de erotismo, suspense e mistério que envolvia pessoas de todas as idades.

33 Na Apresentação de Psicologia Pedagógica (2003), René van der Veer explica que a primeira publicação do referido livro se deu em 1926, e que Vigotski, mesmo em diálogo e absoluta sintonia com os pesquisadores de seu tempo, apresenta um ponto de vista pessoal sobre educação moral e estética da criança, entre muitos outros temas afins, como no capítulo 13, tópico sobre a fábula e as histórias infantis, ao afirmar que a psique incide sobre o comportamento e vice-versa. Segundo o autor, se na prática pedagógica introduzimos na psique de uma criança uma noção falsa que não corresponde à verdade nem à realidade, também estaremos educando um comportamento falso. Ele se refere ao uso de personagens de contos infantis, retirado do mundo da fantasia e do mito, para incutir medo nas crianças. Já durante as conferências que Vigotski realizou no Instituto Pedagógico de Leningrado, em 1932, o pedagogo apresentou estudos acerca da imaginação e seu desenvolvimento na infância. Estudos não somente dele mesmo, mas também de Freud e Piaget, entre outros, que relacionam a imaginação e o pensamento realista. Ao citar a ambivalência desses dois pontos do bordado vigotskiano, na carta para Bispo não se sugere nenhuma pretenciosa denúncia de contradição, mas apenas aponta a trama e o urdume de uma mesma tela que cruza os temas fantasia e realidade. Em 2020, começo da pandemia da Covid-19 e segundo ano do governo de Bolsonaro, a realidade brasileira se mostrava tão distópica e opressora, que o escapismo para o mundo da imaginação ganhou *status* de

Vigotski, “o afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária possibilita processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece” (1998, p. 129).

Os contos infantis, mesmo os fantásticos, não fogem à realidade, mas superam os limites dela. Para minha família não letrada, meus primeiros educadores, uma criança que voava dia e noite no dragão rosa da História Sem Fim³⁴ só podia estar feliz ou louca, virada na fuga do bullying, da miséria e do câncer infantil, assim pensavam e comentavam durante as visitas fofoqueiras, eu ouvia através do fundo do copo na parede.

Nas estantes da casa dos avós, gente cigana, existiam apenas três livros de capa vermelha e pesada sobre as viagens de Júlio Verne³⁵. Depois que ganhamos de uns vizinhos, que se retiraram para o nordeste durante o confisco de Collor³⁶, uma coleção da Agatha Christie³⁷. Mas quando mamãe, empregada doméstica da astróloga belga, chegou no barraco com uns livros sobre mitologia grecorromana e astrologia em meio a roupas velhas cheirando a naftalina que a patroa lhe dispensava, a imaginação desandou de um jeito... As extraordinárias mentiras antigas romanceadas por Commelin e Bulfinch³⁸, num tempo sem internet nem consciência decolonial, assim como as performances do velho

meio de verdadeira sobrevivência para uma bordadeira angustiada.

34 O filme *The NeverEnding Story* foi baseado em uma novela homônima escrita por Michael Ende (1929-1995) em 1979. Dividido em três partes e apresentado no Brasil com o nome História Sem Fim, conta a aventura de uma criança que usa a imaginação estimulada pelos livros como refúgio para as dificuldades do dia a dia. É uma referência muito popular da geração que foi criança nos anos 1980 e 1990.

35 De um tempo em que se vendiam enciclopédias de pesquisa de porta em porta para as famílias dos estudantes das periferias de São Paulo, três livros de capa dura e vermelha de Júlio Verne (1828-1905) entraram no pacote como brinde. Foi assim que adquirimos os clássicos Viagem ao Centro da Terra, Volta ao Mundo em Oitenta Dias e Vinte Mil Léguas Submarinas, na década de 1980.

36 A ministra da fazenda Zélia Cardoso de Mello, no Governo Collor (1990-1992), instituiu um plano econômico para estabilizar a inflação. Entre as medidas, os depósitos das contas correntes e das cadernetas de poupança que excedessem a 50 mil cruzados novos foram congelados por 18 meses. Essa política ficou conhecida como confisco e causou enorme impacto social.

37 Agatha Christie (1890-1976), a Dama do Crime, envolveu muitas gerações com sua imaginação profícua de escritora de romances policiais.

38 Pierre Commelin (1837-1926) e Thomas Bulfinch (1796-1867) foram dois mitólogos que se destacaram com publicações, principalmente, sobre mitologia grecorromana.

avô da carochinha, me transformaram para algo, me abriram feito a vassoura La bruja³⁹, de Cildo Meireles, ramificando imaginação para todos os lados até transbordar a caixinha de Pandora.

Nem bom nem ruim, nem para mais nem para menos, só sei que houve uma transformação para sempre. Pois foram as histórias recontadas por J. Pimentel Pinto⁴⁰ a primeira comunidade a que pertenci, absorvida feito a adolescente do clipe Take on me⁴¹ para um mundo de corcundas mágicos, fantasmas na floresta escura, madrastas malvadas, o bicho homem, monstros do fundo do mar, a princesa de Bambuluá, Calicote. Ao me assustar com o folclore, do Brasil e do resto da América Latina, os temores que Vigotski chama de tragédia⁴² eu recorro a maior de todas as delícias nos aprendizados da infância. Pois os mistérios das criaturas horrendas e sobrenaturais entendo como algo incompreensível de significado obscuro ou oculto. E por causa disso, por causa de seu caráter insolúvel e não revelado, estimula a curiosidade e a imaginação, participa do processo educativo do “ser inacabado que está em constante busca” (FREIRE, 1979, p. 27).

39 Anexo D.

40 Tenho duas edições especiais de J. Pimentel Pinto: Os Sete Sapatos da Princesa e outras estórias e O Papagaio Real e outras estórias, ambas sem data de publicação. São dois livros de capa dura com ilustrações de Miguel Penteado e Alvaro Moya. Quando tia Cássia ganhou esses livros como presente da professora Sueli, as histórias folclóricas recontadas por J. Pimentel povoaram para sempre a imaginação da família, principalmente das crianças que começavam a ser alfabetizadas na escola e que liam em voz alta estas histórias para os adultos que não podiam ler.

41 Referência ao vídeo clipe da banda norueguesa A-ha para o single *Take on me*, faixa do álbum *Hunting high and low* (1985). Uma moça senta-se em um café para ler uma revista em quadrinhos, quando é surpreendida pelo convite do personagem para entrar fisicamente no gibi.

42 “As análises psicológicas dos temores infantis produzem uma impressão totalmente trágica: as crianças sempre testemunham e relatam esses inexprimíveis germes de terror que os adultos semeiam na alma infantil com seus relatos.” (VIGOTSKI, 2003, p. 240).



Figura 6

Como seria possível viver sem o mistério, doce escapismo, quando havia o medo da escola real e das embalagens plásticas por meio das quais a Estrela⁴³ nos seduzia com brinquedos anunciados na televisão dos anos 1980? Ao olhar para o céu, para o escuro do firmamento, pensando em discos voadores e bruxas no telhado de *Gotham City*⁴⁴, as crianças de Interlagos não víamos mais a Xuxa dentro da caixa. Imaginávamos a constelação do centauro, da cabra marinha, da virgem. A mula-sem-cabeça trotando e se aproximando do fim da rua da chácara. Sacis, lobisomens, loiras do banheiro e demônios, e sobretudo a bruxa na vassoura com seus pés quadrados e olhos vermelhos de fome das criancinhas que éramos todas nós. Que medo e vontade eu tinha de ser levada por uma bruxa, depois cozida no tacho com legumes e cebolas!

Você nos convida a voltar para casa quando coloca o Manto sobre os ombros daqueles que o veem, mesmo sem podermos tocá-lo através da proteção em redoma, muito menos vesti-lo. É um traje quente e pesado para o clima tropical, lar da

43 Fábrica de brinquedos brasileira que nos “metralhava” com as propagandas de seus inúmeros produtos durante os programas infantis na televisão dos anos 1980 e 90, como o Xou da Xuxa e Mara Maravilha. Bem antes dessas décadas, a velocidade da produção industrial e de mercado já incidia sobre a cultura, o que se acentuou ainda mais hoje em dia, também por causa do advento da internet, que revolucionou as formas de comunicação.

Nessas duas décadas, a publicidade e a propaganda foram especialmente agressivas, principal veículo para induzir os consumidores a favorecer interesses industriais por lucro. Para muitos estudiosos do assunto, suas estratégias de sedução vão desde a vulgarização da figura feminina até a espetacularização da violência. Críticos da publicidade, como o fotógrafo Oliviero Toscani (1995), acusam-na de crime contra a inteligência, de malversação de somas colossais, de adoração a bobagens, de inutilidade social, de exclusão e racismo, de vender uma falsa eterna juventude e de outras inúmeras ações e consequências negativas de seu universo de superficialidades.

Nascida às margens da represa Guarapiranga poluídíssima pela sociedade do descarte, desde adolescente vivia a influência muitas vezes excessiva e violenta da publicidade e da propaganda: *outdoors* que fechavam avenidas inteiras antes da Lei Cidade Limpa, uma infinidade de produtos multicoloridos em prateleiras de supermercado, a ilusão vendida por caubóis inteligentes, belos e livres nas propagandas de cigarro, personagens de mídia e de revistas de celebridades misturados com Vultos da História, cristianismo e Andy Wahol, Silvio Santos gritando “Quem quer dinheiro?” na televisão abundante e rápida, os produtos da Xuxa Produções, muita embalagem plástica.

Este contexto inspira artistas da minha geração a ter na propaganda publicitária um dos principais alvos de sua pesquisa, sobretudo artistas de grandes centros urbanos, que expressam em saraus e *slams* que pululam pela cidade, em salões de intervenções artísticas, no graffiti das ruas, na poética do rap, e em outros muitos espaços, meios e linguagens da arte, sua convicção de que grande parte dos profissionais de publicidade age de má-fé e persuade o consumidor de forma, muitas vezes, imbecilizante.

44 3ª faixa do álbum Dançando Pelas Sombras, gravado pelo grupo Boca Livre em 1982. Composição de Capinam e Jards Macalé.

América Latina, do Brasil, feito dos mesmos fios com que teceram o manto azul de Aparecida e o xale pardacento do chefe paiute. A América é um pedaço grande da Terra azul, uma manta morena; Iracema.

A Mãe Terra acolhe em casa seus filhos
Quando eles se extraviam.
O caminho era ermo e comprido,
Ela lhes sussurra que fiquem,
Sob a proteção do Xale,
Onde o amor volta a habitar
Seus corações podem abrir-se para recordar
Todos os Parentes como seus amigos.
(SAMS, 2017, p. 288).

Para os paiute da América do Norte, a cerimônia Tomada do Xale é a volta ao coração, ao espírito e ao lar da América Nativa. O óleo que escorre da superpopulação ultracapitalista converte biomas inteiros em lixo tóxico e pasto, mas não penetra as tramas da ancestralidade que os mantos conservam: o seu, o dos paiute, a capa de Exu, a de Aparecida e o velocino de Medeia. Vestida deles, volto para casa feito uma grande cebola para o seio da Mãe Terra, a fim de brotar no meu lar de amor e proteção, mesmo curtida nos símbolos da sociedade do descarte que você gravou naquela coberta.

Onde, outrora, o sertanejo marcou no couro elementos de sua cultura, nas cores, nas formas, no cheiro e na carne, você, artista nordestino, gravou com linha desfiada do uniforme industrial do louco um carrinho de bebê, um microfone, um beliche, uma mesa de pingue-pongue, derivados do petróleo. Fico passada com a atualidade com que você nos traduz! Diante do seu manto, eu abro os braços e projeto a estrela, o pentágono dos seres humanos, nossos membros, nossos dedos de bordados e escritos.

Até pouco tempo atrás, conservava um velho livro didático de geografia de educação básica, não sei por que cargas d'água foi parar entre as minhas coisas. A

bússola que você bordou no Manto da Apresentação aponta para a lembrança do antigo mapa do Brasil no livro didático com que minha avó estudou. Ela chamava escola de “grupo”, o nome que o pessoal do interior designava para a escola de educação básica, quando o Estado do Paraná ainda não existia na geopolítica nacional e se lia, em caixa alta, sobre o pedaço de território germinado com São Paulo, a palavra “Índios”. A criança que lia a palavra “Índios” no mapa imaginava a mata e tudo o que vivia dentro dela.

Se te interessa saber sobre os antepassados desta sua amiga, a bússola do Bispo aponta agora para o umbigo, que puxa os fios do manto feito rios afluentes. Paraná, que quer dizer “semelhante ao mar” em língua nativa, dizia meu avô cigano que quando o pai dele lá chegou, a política migratória do período Vargas abriu as portas para a mata, para que os imigrantes da Europa tornassem mata agricultura.

A colônia de saúvas à qual meu avô pertencia logo percebeu que as terras eram habitadas por povos nativos, que eles chamavam de índio ou caboclo. Ao perguntar para o líder da colônia o que fazer diante da ocupação, o espanhol ordenou-lhes: Mata! Só meu bisavô se gabava, ao contar histórias de carochinha, quando acabava a energia elétrica em casa, ter passado centenas na faca. Ele narrava que, entre uma chacina e outra, os homens churrascavam tamanduás-bandeira. Você também gosta de ver tamanduá comendo colônias inteiras de formigas, Arthur?

Da janela da casa da minha avó, namoro um resto de mata atlântica na zona sul de São Paulo. Parecem dois elementos distintos, a mata e a comunidade, em peleja perene. A cada mês, a comunidade avança sobre o verde com desmatamento e ocupação e reveste a paisagem com os tons avermelhados do tijolo baiano. Os grupos humanos, todos eles, são como você, Arthur. Eles tecem, produzem, transformam, compõem, revestem uma coisa com outra, quem sabe se consciente ou inconscientemente.

Você chegou a assistir ao filme O Ataque das Formigas Gigantes⁴⁵? Acho que era do seu tempo. Mas você não devia assistir a muitos filmes, nem na Juliano Moreira nem na casa dos Leone⁴⁶. Pois nesse filme, a formiga rainha soltava um gás que entorpecia e orientava outras formigas a dominar os seres humanos. Vejo a rainha como uma metáfora do inconsciente coletivo. A colônia do meu avô e a comunidade agiram e agem de forma conjunta, levadas por um tipo de feromônio ou instinto de vírus.

Não queria te entristecer, meu amigo, sei o quanto a carta está ficando confusa, cheia de assuntos cortados, rápidos e superficiais como certas coisas de internet, mas não é possível “ser” no Brasil de hoje. Diferente em muitos aspectos do Brasil dos meus avós, do seu Brasil, dos Brasis antigos, é o mesmo Brasil entorpecido pelo bafo de uma rainha que exige a destruição da lavoura. Não se trata de saudosismo, não. Falo de um espírito de destruição em massa guiado pelo governo federal. Uma espécie de seita, numerosa e fascista, que se formou em torno de uma rainha má.

Lembra do Hitler? O feromônio que isolou a Alemanha do resto do mundo na Segunda Guerra Mundial é semelhante ao que acontece no Brasil 2020, em meio a uma pandemia sem precedentes.

Espero te escrever com mais ânimo e esperança da próxima vez.

Um beijo,
Vitória

45 Clássico do terror trash norte-americano, essa ficção científica de 1977 é baseada em um conto do escritor britânico Hebert George Wells (1866-1946). Uma vigarista convence um grupo de investidores a visitar um imóvel à venda próximo ao mar, mas o local está infestado de formigas mutantes que destroem a embarcação e os perseguem por um ambiente inóspito.

46 Dantas refere que, entre 1940 e 1960, Bispo tinha duas casas: o manicômio e o lar de uma família para a qual trabalhou como empregado doméstico. Sobre as idas e vindas de Bispo, ela conta que “de vez em quando se aproveitava da confiança que os funcionários da Colônia Juliano Moreira depositavam nele e escapava para a casa dos Leone” (2009, p. 31).

2.5 CARTA 5

Tatuapé, período de Peixes, 2021.

Hoje eu tive um sonho, Arthur!

Sonhei que existia um flamboyant fantástico ao lado do prédio gigante. Na cobertura, eu observava da sacada a árvore imensa e a avenida movimentada lá embaixo. Frutos semelhantes à pinha pingavam no asfalto, que os tragava com gula estéril e processual, como uma fábrica. De repente, um Opala azul escuro se acidenta e sai rodando feito uma hélice pela pista. Desço para ajudar, durante muito tempo girando pelas escadas espiraladas do prédio. Uma mulher loira de meia idade tinha batido o carro, mas se sentia bem. Disse que quando tudo isso acabar, restará apenas o armazenamento de memória virtual da civilização, e que por isso que surgiu a internet. Agradeceu minha ajuda e foi embora por uma curva torta de cimento e engenho.

Ao lado da avenida, revelou-se um buraco, desses típicos de baixo viaduto. Atraída desde o pingo no muro, entrei no perigo desconhecido. Dentro do buraco, lixo espalhado, latinhas de crack e ratos. Muitos ratos. Enormes, feios, apodrecidos, violentos, ameaçadores, pestilentos, ratazanas de pelugem falhada, rabo longo cheio de câncer, orelhas comidas, dentes para fora de sanha e loucura, desejo de consumir. Dezenas, centenas, milhares, todos atrás de mim, feito uma multidão de eleitores religiosos e ruralistas da Maria Sanguinária. Me escondi no andar de cima, no sótão da biqueira, onde havia uma porta. Fiquei trancada no cubículo para me livrar dos ratos que queriam entrar pelas frestas, de onde vinha também um tiquinho de luz.

Falei desse sonho para três amigas, e cada uma delas se dispôs a interpretar o sonho com base no que conhecem sobre mim e o mundo.

Da primeira vez que revelaram, a árvore é a energia da vida indo embora, a interrupção do ciclo natural. Frutos despencam no asfalto infértil. O asfalto representa a desnatureza. O shopping, a internet, os materiais de arte comprados em embalagens descartáveis, os apartamentos, o petróleo escorpiano, a morte dos carros e do casamento, o caos do trânsito, minhas plantinhas presas no vaso plástico, as mãos asseadas no álcool. Um acidente me faz descer, é um estopim para a mudança. Viro a chave para o *underground* Saiona⁴⁷, do qual não se pode falar. Sonhar com ratos tem a ver com falta de higiene, o interior infectado da caverna citadina. Quem falou que essa espécie evolui não sabia que o trabalho produz o chorume que escorre para a goela da tartaruga e que a preguiça do Jeca Tatu é a verdadeira salvação de lobos e lobatos do capitalismo.

Da segunda vez que compreenderam, o olhar de um pássaro que sobrevoa o caos. O asfalto é uma coisa que engole tudo, os frutos e a carniça alimento da ave de rapina que desce num rasante, em círculos, até a mulher acidentada. Uma pessoa que me atrai para outras pessoas. Tudo gente que come. Ratazanas doentes atraídas pela flauta de Hamelin⁴⁸. Fico presa no quartinho escuro do submundo, com medo dos porquinhos-da-índia tornados ratos devoradores. Buscar o sótão é uma tentativa de voltar para o lugar elevado da infância, quando brincava de ser imperador de Roma,

47 De acordo com Arismendi (1988), Saiona é uma lenda do folclore venezuelano. Trata-se do espectro de uma mulher altíssima, que caminha fazendo um ruído como o de ossos que se chocam e arrastando a cauda de uma longa túnica negra. No lugar dos olhos, brilham duas órbitas de fogo. Aparece nos povoados e no meio do mato e se aproxima de homens que estão longe de casa e com maus pensamentos. Ela os atrai para um lugar solitário, depois mostra sua cara de morte.

48 O flautista de Hamelin é uma lenda folclórica recontado pelos irmãos Grimm (Jabob 1785-1863 e Wilhelm 1786-1859). Narra a história de uma cidade na Alemanha que foi enfeitada por ratos no século XIII, mas salva por um artista heroico que atraiu os animais com música, livrando a cidade de uma calamidade sanitária.

esvoaçando os lençóis limpíssimos da cigana, nos quais me enrolava sobre os telhados de sagrada família em dias de vento forte. O quintal que minha avó cimentou, arrancou as árvores e tornou tudo escombro para descendentes evangelizados.

Na terceira vez que brisaram, eu sou o próprio flamboyant deslocado e enraizado nesse asfalto, cujos frutos não germinam. Uma mulher antiga perdida num mundo novo sem sustentação. Uma alma de planta presa num corpo enquadrado, cheio de pelos e pênis. Exuberante Opala, nada de raízes, mas pneus feitos de borracha eterna. Árvore distante do seu habitat por um equívoco de destino, nascida no lugar errado. De vez em quando ela arranca suas próprias raízes à unha para correr em busca do sol, outras muitas seu corpo participa tanto da copa quanto do subsolo, que o nutre com alimento embebido em petróleo. Conhece a luz e a sombra, e das duas participa à moda da preta Ana. Quem disse que escolhi esse caminho? Presa por quarentenas num joguinho de *Pac-Man*, à caça do que não me leva a lugar nenhum, disse a derradeira intérprete.

Com qual delas você concorda, Bispo? Diga-me quem está certa e eu te revelo o nome para que você borde o nome dela no meu avesso.

Veja o bordadinho que terminei ontem!



Figura 7

Tem a ver com um conto chamado O farol de Isidoro e Casimiro⁴⁹. Tirei um xerox do conto para você ler.

Feliz Ano Novo!

Logo mais o sol entra em Áries e tudo se renova!

Um beijo
Sempre sua,

Vitoria

49 Anexo E.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a escrita e formatação deste TCC, a coisa feita para se considerar é a variedade de Referências. Seguindo fractais de luz de uma pesquisa caleidoscópica, o que se conclui é que as influências sobre a missiva costuram de santa católica a bell hooks, de telenovelas a Cildo Meireles, de Vigotski às histórias de terror do meu avô, o sagrado e o profano, o sincretismo, entre muitas outras disparidades, sobretudo o bordado de Bispo do Rosário. A missiva mais parece um desfile de escola de samba cujo carro abre-alas representa o Cassino do Chacrinha, numa alaranjada procissão de alegorias tropicalistas, vulgares, debaixo do delírio do sol quente.

O que chamo de missiva nada mais é do que eu mesma, uma aluna velha, em comparação aos outros alunos de BLAV, nascida nos anos 1980 e que ainda escreve cartas a punho. No entanto, as cartas não foram escritas por mim, mas pelas mãos das circunstâncias, feitas de erro, sinceridade e sentimento. Se alguma vez teve um propósito realizar a apresentação dessa correspondência como TCC, foi o de virar o bastidor e mostrar o avesso imperfeito de um ciclo que teve início em 2017, quando iniciei o curso de artes visuais, e término em 2022, em meio a uma pandemia, hoje, em processo de naturalização.

As referências que as cartas bordam e costuram vão muito aquém e além dos seis anos de graduação no Instituto de Artes da UNESP. Não como citações esvaziadas de sentido, feito ruídos de internet, os bordados relacionam os aprendizados do curso com a vida da aluna, suas experiências e os diversos contextos que se transformaram ao longo da vida. Sempre ela: a vida.

Gosto muito da pergunta da fada da Cinderela, citada na carta em Capricórnio a Bispo do Rosário, quando ela pergunta, com ironia, se acaso existe alguém que saiba o que é realidade. Uma das perguntas mais difíceis de responder, assim como o que é a vida e o que é a morte. Onde vive meu destinatário? Insisto em dizer que o endereço está subscrito em uma caligrafia emocionalmente irregular em envelopes já postados por aí.

Ao todo, Bispo me respondeu seis vezes ao longo do ano de 2020, sendo que o último manuscrito me foi entregue pelos correios em março de 2021. Disse que estava muito ocupado, como sempre, por isso escrevera pouco, mas um pouco com bastante coração. É de uma letra caprichada, como tudo o que ele fez com suas mãos divinas. Às vezes anexava às cartas fiapinhos de linha com que se fazem nebulosas, pequenos objetos translúcidos de lá, imagens de danças tribais, recortes de notícias que desconhecemos, pedacinhos de deuses.

Nossa troca continuou por um período após a fase mais crítica da pandemia, só que ultimamente tem rareado bastante. Isso porque, com a retomada das atividades presenciais, reduziu demais o tempo para bordados. E como já foi dito, não vou apresentar as cartas que Bispo me escreveu, em respeito ao pedido do destinatário. Cartas são criaturas íntimas demais e, nesse caso, só poderiam ser reveladas caso houvesse a autorização dos dois correspondentes.

As cartas foram escritas no período de quarentena, confinada dentro de uma casa no bairro de Tatuapé, na companhia do meu marido, do medo do mundo em grave crise sanitária, dentro de um Brasil distópico com cegueira ambiental e eleitores do fim do mundo. Um lugar de proteção e aconchego doméstico, cuja janela do quarto se abria para a rua Tuiuti infestada dos vírus de um convívio ameaçador, incerto e perigoso.

Durante meses, eu sentada em uma cadeira, bordando, escrevendo as cartas e assistindo a telenovelas antigas no YouTube deu nisso, nessas cartas apresentadas. Cartas necessárias, como expurgo, como poética, para organizar e fundir pensamentos, pesquisas e novos aprendizados; sentimento, opinião, erro e estado de espírito. Ao reler esses escritos, vejo que não bordam apenas o diário de bordo de uma pessoa em quarentena. As novelas, dos tipos de arte mais legítimos do Brasil latino, os estudos, os sonhos, os bordados, os desenhos, as críticas devo juntar tudo isso em um exercício de conclusão de ciclo, como se eu tivesse feito o último arremate do bordado que levou seis dias de uma grande festa que começou na sexta-feira de carnaval e teve fim na quarta-feira de cinzas.

A primeira carta, que já tinha sido lida para um grupo de poetas durante um sarau no Centro Cultural Grajaú (performance Gala, dezembro de 2020), fala de uma mediação com o Manto da Apresentação e o impacto que este extraordinário trabalho de Bispo do Rosário nos causa. Não como arte apenas, mas também como objeto sagrado e profano. Seu bordadeiro nos veste com todas as camadas do passado mais distante dos povos originários, debaixo de formas, cores e texturas de um mundo contemporâneo bordado em superfícies de acelerado desfilio.

Na história dos mantos sagrados, alguns deles citados nas missivas, esses objetos têm sido profanados de seu lugar de contemplação. Assim como ao redor do manto encontrado no rio Paraíba do Sul por três pescadores instituiu-se simonia e santuário administrado, o Manto nasce do espírito de Bispo do Rosario em sintonia com o mundo, mesmo confinado numa instituição, e, mais tarde, é apropriado pelo Mercado da Arte para rodar as instituições culturais. O trânsito profano desse objeto pelas instituições gira um círculo imaginário como a eclíptica e inverte a ponta do pentágono para baixo. É o

Roletrando de Silvio Santos quando a seta pára a roda em meio milhão de reais e os telespectadores celebram a grande sorte de quem topa tudo por dinheiro.

Os bordados da série Linho Verde (2018-20) foram gravados em pedacinhos de linho, restos de uma calça velha. São cinco trapinhos frágeis e extremamente perecíveis que a aranha demorou para fazer, com todo o cuidado de quem tece com o único objetivo de capturar manifestações de beleza. Para o trabalho desse tipo de bordadeira, mais importa cheirar a borboleta e tocar-lhe a cor das asas do que se alimentar de seus caldos.

A partir da segunda carta, uma sequência de bordadinhos de quarentena apresenta uma tríade de mulheres. Amor (Figura 2) figura uma mulher montada em um porco-espinho. Ela tem um cabelo crespo e armado, de um rosa adocicado como a flor da imensa paineira, mas intrépida curupira trepada no bicho. O pêlo áspero do porco selvagem roça o sexo da amazona que galopa para a esquerda, enquanto Baianinha (Figura 4) faz um gesto de umbigada para a direita, feito os ombros de Xica da Silva à mostra, chacoalhando de deboche em desafio ao Tijuco.

A Deusa (Figura 5) segura dois instrumentos de trabalho: uma chave de fenda e uma colher de pau. É uma preta nua, embora de cor alaranjada, a quem se pede fenda, em nenhum momento uma chave de fenda. A colher de pau é um instrumento artesanal, tradicionalmente relacionado com o universo da preta velha na cozinha, o feminino doméstico, a bruxa que mexe o caldeirão de sabedoria alquímica. Diferente da chave de fenda feita de metal e plástico industrial que o pai de família guarda na caixa de ferramentas e que a Deusa parece segurar firmemente com a mão esquerda.

O último bordado que remeto a Bispo (Figura 6), no finalzinho do ano astrológico em Peixes, representa um preto armado que exhibe com orgulho a pesca de

um animal multicolorido tão forte e belo quanto seu algoz. No conto que inspira esse bordado, intitulado O Farol de Isidoro e Casimiro (Anexo E), um casal de homens vive do equilíbrio entre a magia, a pesca e a tecelagem, quando a violência de Dona Maricotinha os surpreende e muda o destino dos dois amantes.

É com as metáforas desse conto que fecho o enredo Destinatário: Arthur Bispo do Rosario, o último carro de um desfile de bordados. Isso porque, no conto, o mar sobe e engole o farol, os amantes e os moradores da beira-mar. Tudo acaba engolido pelo mar. O curso terminou, como acaba o carnaval na certeza de que devemos voltar ao trabalho a partir do meio-dia da quarta-feira de cinzas. O que continua para e desde sempre, desde o mais antigo vodun que se manifestou na primeira coisa feita, é a fantasia.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e persuasão: ensaios sobre o barroco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARISMENDI, Santos Ermíny. *et tal. Contos de assombração*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

BARBOSA, Ana Mae. *Síntese da arte-educação no Brasil: duzentos anos em seis mil palavras*. São Paulo, 2016. *Revista Polyphonia*, 27(2), 19-39. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/rp.v27i2.44693>>

BAZIN, Germain. *História da arte – da pré-história aos nossos dias*. Lisboa: Livraria Bertrand/Martins Fontes, 1980.

BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*, vol. I. São Paulo: Record, 1983.

BENEDICT, Ruth. *Padrões de cultura*. Coleção Antropologia. Petrópolis: Vozes, 2013.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia – história de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

COMMELIN, Pierre. *Mitologia grega e romana*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DANTAS, Marta. *Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ECO A Uol. Helton Simões Gomes. *Ninguém volta igual da África: Gilberto Gil fala sobre o DNA da família*. 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/06/22/ninguem-volta-igual-da-africa-gilberto-gil-fala-sobre-o-dna-da-familia.htm>>. Acesso em: 2 de agosto de 2022.

EURÍPEDES. *Medeia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

LUCAS DE HOLANDA. *A cultura da música barroca no Brasil Colonial – Parte 1*. 2015. Blog Direito e História. Disponível em: <<https://direitoehistoria.wordpress.com/2015/07/22/a-cultura-da-musica-barroca-no-brasil-colonial-parte-1/>>. Acesso em: 8 de agosto de 2020.

TERREIRO Vodun Zo. *Dicionário Ewê Fon*. Disponível em: <<https://terreirovodunzo.wixsite.com/savalu/dicionario-ewe-fon>>. Acesso em: 12 de agosto de 2022.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

JESUS, Teresa de. *Obras Completas de Santa Teresa – nueva revision del texto original con notas críticas*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1954.

JESUS, Teresa de. *Libro de la vida*. In: _____ OBRAS Completas. 4. ed. Madrid: La Editorial Catolica, 1974.

LIMA, Maria Graciele. *Versos ao amado: mística e erotismo na poesia de Teresa D'Ávila*. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, p. 74. 2014.

LISPECTOR, Clarice. *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LUCAS DE HOLANDA. *A cultura da música barroca no Brasil Colonial – Parte 1*. 2015. Blog Direito e História. Disponível em: <<https://direitoehistoria.wordpress.com/2015/07/22/a-cultura-da-musica-barroca-no-brasil-colonial-parte-1/>>. Acesso em: 27 de junho de 2019.

LUÍS AUGUSTO Ferreira Saraiva. *De vodum a caboclo: trajetória de legbá no terreiro de tambor de mina e terecô*. Revista Calundu. Brasília, 2017. Vol. 1, n.1, jan-jun. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/7621>>

MELLO, Suzy. *Barroco mineiro*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

MESTRE Ataíde. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa448330/mestre-ataide>>. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7. Acesso em: 29 de junho de 2019.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o tarô – uma jornada arquetípica*. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

PARÓQUIA Porciúncula de Sant'Ana. Disponível em: <<http://www.porciunculaniteroi.com.br/oracoes/nossa-senhora-dos-anjos-da-porciuncula-o-perdao-de-assis>>. Acesso em: 3 de julho de 2019.

PARKER, Derek; PARKER, Julia. *O grande livro da astrologia*. São Paulo: Círculo do Livro S/A, 1975.

PINTO, J. Pimentel. *O papagaio real e outras estórias*. São Paulo: Editora do Brasil S/A, [s.d.].

PINTO, J. Pimentel. *Os sete sapatos da princesa e outras estórias*. São Paulo: Editora do Brasil S/A, [s.d.].

SAMS, Jamie. *As cartas do caminho sagrado – a descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

SESC SÃO PAULO. *à Nordeste* [catálogo de exposição]. São Paulo: SESC, 2019.

SESI SÃO PAULO. *O universo mágico do barroco brasileiro* [catálogo de exposição]. São Paulo: Galeria de Arte do SESI, 1998.

SILVA, J. A. *Arte e loucura: Arthur Bispo do Rosário*. São Paulo: Educ, 1998.

TOSCANI, Oliviero. *A publicidade é um cadáver que nos sorri*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

VASCONCELOS, Márcio. *Zeladores de Voduns do Benin ao Maranhão*. São Luís: Pitomba! Livros e Discos, 2016.

VYGOTSK, Liev Semionovich. *Psicologia pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSK, Liev Semionovich. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WORLD Health Organization (Who). *Pandemia da doença de coronavírus (COVID-19)*. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>>.

OUTRAS REFERÊNCIAS

Audiovisuais

FAERIE Tale Theatre. Direção e Produção: Shelley Duvall. Estados Unidos, 1982-1987. (1.300 min), DVD, son., color.

MEDEA. Direção: Pier Paolo Pasolini. Itália, França, Alemanha, 1969. (118 min). DVD, son., color.

O ATAQUE das formigas gigantes (*Empire of the Ants*). Direção: Bert I. Gordon. Produção: Samuel Z. Arkoff. Califórnia: American Internacional Pictures, 1977. (89 min), DVD, son., color.

XICA da Silva [telenovela]. Autoria de Walcyr Carrasco. Dir. de Walter Avancini. Rio de Janeiro: Block Som e Imagem/Rede Manchete de Televisão, 1996-1997.

Álbuns musicais

HUNTING high and low. Intérprete: A-HA. Prod. Tony Mansfield, John Ratcliff e Alan Tarney. Nova York: Warner Bros. Records, 1985. 1 LP. Lado 1. Faixa 1 (38 min 16).

DANÇANDO pelas sombras. Intérprete: Boca Livre. Comp. Jards Macalé e José Carlos Capinam. Rio de Janeiro: Som Livre, 1992. 1 LP. Lado 1. Faixa 3 (38 min 16).

COMISSÃO de frente. Intérprete: João Bosco. Rio de Janeiro: Ariola/Polygram, 1982. 1 LP. Lado 2, Faixa 1 (38 min 16).

MISS Perfumado. Intérprete: Cesária Évora. Prod. Antonio Pinho. Praia: Paulino Vieira, 1992. Lado 1. Faixa 1. 1 CD (62 min 40).

EXTRA. Intérprete: Gilberto Gil. Comp. Gilberto Gil. Rio de Janeiro: WEA, 1983. 1 LP. Lado 1. Faixa 1 (38 min 16).

MUITO (Dentro da estrela azulada). Intérprete: Caetano Veloso. Rio de Janeiro: Philips, 1978. 1 CD. Lado 2. Faixa 8 (42 min 05).

XICA da Silva (Trilha sonora da novela). Intérprete [vários]. Comp. de Marcus Viana. Rio de Janeiro: Sony Music, 1996. 1 CD. Faixa 1 (47 min 59).

Artes visuais

LA BRUJA, de Cildo Meireles, 1979. Reinstalada na 16ª Bienal de São Paulo, em 1981. Instalação com vassoura com cabo de madeira composta de duas partes aparafusadas cujos fios se alongam dentro e fora do ambiente expositivo; 120 x 2 x 25 x 100.000 cm. Musée d'art contemporain, Lyon. Acervo do artista.

O ÊXTASE DE SANTA TERESA ou Transverberação de Santa Teresa, de Gian Lorenzo Bernini, 1647-1652. Escultura em mármore com representação de raios de estuque dourado; 350 x 138 cm. Igreja Santa Maria della Vittoria, Roma, Itália.

RODOVIA TRANSAMAZÔNICA, MEDICILÂNDIA – PARÁ, de Paula Sampaio, 1994. Impressão fotográfica sobre papel; 103,6 x 68,5 cm. Coleção MAR – Museu de Arte do Rio/Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro.

SEM TÍTULO [Capa de Exu], s.d., de Arthur Bispo do Rosario. Costura; 103,6 x 68,5 cm. Coleção PCRJ/ Coleção Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, Brasil.

SEM TÍTULO [Manto da Apresentação], s.d., de Arthur Bispo do Rosario. Costura, bordado, escrita; 118,5 x 141,2 x 5 cm. Coleção PCRJ/ Coleção Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, Brasil.

TARDIUS, de José Rufino, 2012. Tinta acrílica sobre folhas de dicionários, com assemblage de mobiliário de época; 140 x 108 cm. Coleção Daniel Maranhão, São Paulo, Brasil.

ANEXO A

O Êxtase de Santa Teresa ou Transverberação de Santa Teresa, 1647-1652 Gian Lorenzo Bernini



Fotografia digital de autoria desconhecida
Fonte: <https://correio.ims.com.br/uncategorized/cartas-e-extase-por-elvia-bezerra/>

ANEXO B

Rodovia Transamazônica, Medicilândia – Pará, 1994
Paula Sampaio



Fonte: <https://museudeartedorio.org.br/programacao/feito-poeira-ao-vento-fotografia-na-colecao-mar/>

ANEXO C

Sem título [Capa de Exu], s.d.
Arthur Bispo do Rosario



Fotografia digital de autoria desconhecida
Fonte: <http://paginadacaza.blogspot.com/2012/08/bispo-do-rosario-iii-fe-criacao-e-gloria.html>

ANEXO D

La Bruja, 1979
Cildo Meireles



Imagem de autoria desconhecida
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/162833342762018111/?send=true>

ANEXO E

O Farol de Isidoro e Casimiro, 2010

Alvaro Dias Cuba

Ficção publicada de forma independente em uma coletânea de contos intitulada Narrativa de uma couve na horta e outros contos

o farol de isidoro e casimiro

o mar é lendário porque no fundo tudo é possível

o azul e o branco são as cores do estranho e permitem ilhéus faróis corpos e corpos celestiais

*salgado em meio aos bichos do mar
longe dos bichos eretos do cais
o farol de isidoro e casimiro*

à noitinha amante mas todas as manhãs isidoro tornava-se pescador debaixo do sol abençoado pela
raça do sol em seu barco sua rede de arrasto

regressava de atum de sardinha ou bacalhau que casimiro compunha a temperos legumes e frutos
do mar uma mesa magnífica forrada com toalhas quase sempre azuis e pratos planos talheres de
prata

a pesca inspirava-lhe verdades e mentiras fantásticas envolvendo aves quentes as gaivotas
taumas⁵⁰ – pai das hediondas harpias – salamandras tudo quanto pudesse aumentar em estórias de
pescador-faroleiro

casimiro ouvia atencioso e quando isidoro finalmente dormia homem exausto os dois pés já beijados
e quietos entregava-se à maldição da noite e oferecia ao mar misterioso os panos que tecera toda a
tarde na cadeira de balanço defronte ao infinito à espera do amado

vou fazer lindas arraias azuis

consideravam-nos dois rapazes adoráveis de vinte e cinco os observadores do cais do porto
e o farol um taj-mahal construído para e pelo amor dos queridos daquele povo marinho – mulheres
públicas marinheiros bêbados jogadores de baralho mórmons trabalhadores homens e crianças
maltrapilhas e um poeta que declamou fundada a embaixada de pisces

50 Divindade marinha da mitologia grega, marido de Electra, pai da deusa Íris, mensageira de Hera.

não raro silenciavam todos para absorver melhor a música encantada que fluía daquele poste ao longe fartando-lhes a alma da doce maresia do amor
mas havia dona maricotinha mãe de casimiro líder de uma campanha contra a vida do loiro que lhe assaltara o filho mais moço

*peixes são animais estranhos
netunianos monstros esquisitos
assassinemos o cavalo-marinho*

mal nascera detrás do prédio onde dona maricotinha conspirava a lua pôs-se a caminho da praia estava cheia
atravessou uma cidade inteira iluminando e abandonando ratos medalhas lojas luzes fracas automóveis a anemia dos tarados cartazes um lustre
tiniu fortemente quando avistou seu filho pálido dos cabelos negros casimiro em homenagens ao mar e segredou-lhe descobertas recentes piscando que dona maricotinha haveria de tocaia com dois atiradores de arpão lá onde as ondas quebram e se barqueja o dóri
aquela manhã casimiro suplicou a isidoro que não fosse pescar

*tenho o direito de dizer: não vá
meu efebo meu adônis
eu que teço no farol
meu isidoro reluzente sol*

então isidoro não foi trabalhar
os dois rapazes alcançaram o topo do poste de fantasia e poesia e esticaram-se em almofadas de seda e penas de pavão à moda romana
a palidez macia de casimiro para as mãos douradas e rudes de isidoro fecundava o ambiente o caranguejo amigo do escorpião vermelho ultrapassando os vidros do farol até o zodíaco até a iminência noturna
no que relaxavam os dois rapazes de vinte e cinco os dentes na carne a preguiça a infinita liberdade do amor livre os portuários fecundados quebravam os tabus e as tábuas
no entanto era tarde período consagrado à labuta e nem bem a noite vinha uma coruja pousou ave agourenta anunciando o pretume do céu

o mar reclama seu aluguel

mais que depressa casimiro desceu as escadas determinado às areias da ilhota

ajoelhou-se diante do mar gigantesco e rogou-lhe que poupasse isidoro do castigo mas que fosse justo para com ele mesmo por não ter tecido aquela tarde os panos em seu louvor

*tínhamos um trato
e nenhum dia sequer
negligenciei-lhes o peixe*

o mar é severo

engoliu em ondas revoltas o farol de isidoro e casimiro sendo que para afogar isidoro que dormia lá em cima na luz fez-se inevitável exterminar toda a gente amoral da beira-mar.

ANEXO F



TATUAPÉ, PERÍODO DO CARNEIRO: 2020.

Querido Arthur Bispo do Rosário,

Quando o deus das palhas começou a grande reforma do oriente para cá, acompanhando o curso do O cigano, eu sabia que seria contagiada. Como parte perplexa do sentimento de mundo, sempre pego todas as bexigas e sobrevivo ao doloroso renascimento, em meio a êxtases de dor e levitação. Agora, aqui dentro de mim, me sufoca uma minúscula partícula do mundo que começou a se reproduzir sabe-se lá onde, saída da lança do velho deus que não quer punir ninguém, apenas iniciar a mudança, a atribuição de caráter amoral. Pois se alguém tenta reformar com emprego da violência, é imoral, a gente viu na HISTÓRIA com a letra maiúscula, como, por exemplo, a "força de uma cultura europeia colonizadora, onde vozes consideradas estrangeiras não podiam se levantar, eram idiomas fora da lei, falas de renegados" (bell hooks).

Mas quando o que chamamos de natureza ou deus mata, devasta, destrói, genocida, extermina criaturas, bicho mais forte comendo o bicho mais fraco o tempo todo, nossa estranha compre-

ensão considero moral, que não se pode atribuir valor algum.

Às vezes convém me perguntar se a Terra é boa ou má, como a gente, Arthur, sobre o que jamais ousei pensar, sequer responder. No momento em que mais precisamos da ciência, se da esperança participa o conhecimento, intuo as escolhas da Terra e é o espírito do mundo que me integro por privilégios de retocada. Nada de tipo de sangue ou qualquer outra explicação científica para fazer entender as escolhas dessas coisas redondas e invisíveis que, como nós mesmos, não se importam de matar seu hospedeiro. Em princípio, dentro do epicentro terráqueo, depois transportada pelos ganchos de zeroporto para todos os cantos da sofrida célula atada.

Sei que todos aqueles que estão abertos demais serão invadidos por esse sentimento de mundo. É um deus que eu quero que não pretenda a remissão dos pecados de ninguém. Girando, ele levanta a lança feita do asteroide Chicxulub e aponta sobre nossas gargantas e narizes. Alguns sentidos desaparecem, junto com a gula e o asqueroso fero monetário, outros se tornam aguçados. Então eu vejo que muitas máscaras caíam, e nunca estivemos tão mascaradas, andando pelas ruas, pessoas ressabiadas, a observar sem sermos observadas completamente. Era a

Última peça do vestuário que a muçulmana conhece
há muito tempo. Período de estarmos cobertos, isolados
em nossos próprios sentimentos nos porões particulares
de um manicômio. Não sei dizer se alguma vez foi
diferente.

No meu lugar, isso que chamamos de realidade
contemporânea, a escuta, não é de hoje, é muito
rara. O moralismo que vinha de cima, agora vem
de todos os lados, divulgados e fortalecidos na internet,
você nem conheceu, uma rede de computadores que une
pessoas do mundo inteiro, separando-as em ilhas e
isolamentos ideológicos cada vez mais fragmentados.
Eu própria me sinto a minúscula partícula dentro
de mim, sozinha e cancelada. E para sobreviver, a
gente busca reproduzir em milhares de palavras,
imagens, texturas, todas muitíssimo pequenas, ideias e
sentimentos que infectam e mantêm o mundo vivo,
com todas as suas maravilhas e horrores. Eu sei
que quem é capaz de bordar o Brasil inteiro num
pedaço de pano também pode se comunicar com
habilidade incomum. Aquilo que você fez é você
mesmo, nas formas, as linhas, as linhas tortas, no
registro incomum de suas memórias. Quando vejo
você, penso como alguém como você sobreviveu a
esse mundo que se deixou abraçar por uma arte de
plástico capitalista. Nossa história, em grande
parte é uma mistura de ganância dos europeus,
da dor dos africanos e da magia nativa. E é



zqui, onde mais se sente a ação desse vírus de znosmia que nos zfasta uns d's outros, que você renasce em mim um zno depois do contato com seu manto.

s ciganos já começamos à América, e estava previsto que assim que terminássemos a caravana do sol, do oriente para o extremo ocidente, o mundo acabaria ou tornar-se-ia outro. Pois foi durante a passagem da caravana do sol, em contato com um homem da rua, que eu me contaminei com o vírus um mês atrás. E ao me integrar com a humanidade, aproveito para escrever sobre o paradeiro do manto de apresentação, se lhe interessa saber, e sobre as experiências espirituais que tive com isto durante e depois de uma exposição de arte.

"o Nordeste reuniu uma variedade de obras que, a partir das especificidades de seus artífices, instigaram reflexões e visões diversas sobre um mesmo universo, o nordeste brasileiro" (do catálogo da exposição). Uma bagunça, uma mistura, uma poluição estética sem precedentes num espaço expositivo pequeno do prédio de Paulo Mendes da Rocha, em São Paulo.

O mundo dos vivos e o mundo dos mortos, os Brasis que conhecemos estão separados cronologicamente, já que quando você foi embora eu tinha apenas 9 anos de idade, mas sua veste e nossas origens nos conectam para sempre, você e eu, nós dois e os mundos. Só que antes de te contar minhas impressões

sobre as visitantes da exposição, como se comportaram, interagiram, sentiram, dialogaram ao contemplar o objeto, convém explicar o que eu entendo como experiência espiritual.

Já te contei que vejo o formigueiro como um bicho só em movimento? A forma como os insetos interagem, movidos pelo instinto de sobrevivência e cooperação é feito corpo em movimento, onde cada membro do corpo tem uma função no movimento articulado do formigueiro. A liga sutil e impalpável que une todas as formigas é a manifestação do espírito. Mas não quero entrar nas investigações filosóficas sobre o espírito agora nem explicar como funciona o funcionamento das formigas, o fim de embasar uma carta que se destina a dois propósitos principais: me comunicar com você e ainda dar conta de ligar as mitopoéticas de uma vida na metrópole, com a pretensão de quem borda durante anos a reconstrução do mundo. O que quero com isso de escrever é o que posso, a única comunicação possível agora, ou seja, embora meio sem cheiro nem gosto, interpretar o objeto com quem está diante e dentro do espírito brasileiro.

A palavra "ESPÍRITO", antiga, com tantos significados diferentes e presente em tantas sebedorias destiladas

pelz ^{vez} zção do tempo, (des)organizzdas em fiozinhos cada
mzis isolados, é compreendz por diversas religi-
ões, filosofias, por Chacrinha, pelz minha mãe e por
você de diferentes maneiras, embora o entendimento
comum de espírito tem a ver, não sei se concorda, com
a energia animadora que se manifesta no corpo
físico. Como brasileiro catequizado, foi em português
que você bordou o nome das mulheres da sua vida
no zcesso. Juntou no manto memórias das comunida-
des sincretistas de Japeretuba, da vida de
marinheiro, de pugilista, de faxineiro de bande, de
emprego doméstico, do manicômio. Na contem-
plação de mitopoética espiritual das suas linhas
gravadas na cobertura, descobri um destino de
Medeia.

Como sabe, a famigerada personagem de
Eurípedes retirou o velocino de ouro do lugar
consagrado por deuses e deuses e o entregou para
Jasão. Desta forma, o velocino deixa um país
desconhecido para os narradores do mito e passa
a pertencer aos gregos. Longe de pretender
comprezer MANTO DE APRESENTAÇÃO e VELO DE
OURO, a lembrança mais remota que tenho da
minha infância é o mito que nos conta a história
de uma mulher antiga e estrangeira. Li pela
primeira vez no livro de mitologia que minha mãe
trouxe para o nosso barraco em Interlagos junto
com as bugigangas que sua patroa europeia lhe descar-

trava. Bem mais recente, na fase adulta, tenho você, que tornou fíziqos e sucatas em objetos que a gente chama de arte. Eurípedes e você são os dois lados da ponte por onde andei.

Há um trecho do meu filme preferido, MEDEIA, do PASOLINI, não sei se teve a oportunidade de assistir. Quando uma das mulheres do coro sugere que a estrangeira recorra a poderes antigos de feitiçaria para se safar de uma ordem de exílio proferida pelo rei de Corinto, a maga em desgraça renega:

MEDEIA

Aos feitos de magia?... Estou longe do meu país há mais de dez anos.

MULHER DO CORO

Mas você continua sendo o que era.

MEDEIA

Não. Sou uma outra criatura agora, esqueci tudo. O que era realidade, agora não é mais.

MULHER DO CORO

Mas quem sabe, se quisesse, talvez pudesse se lembrar de seu deus.

MEDEIA

Não... Talvez você tenha razão. Continuo sendo o que eu era: uma ânfora cheia de um saber alheio.

Em 2020, é a partir da tragédia grega que me pergunto: quem sou eu nesse Brasil colonizado, barroquizado, administrado pelo hediondo senão um pendrive cheio de um saber alheio? de filmes italianos e tragédias gregas? Onde estão em mim os saberes e memórias dos meus ancestrais africanos, do meu avô cigano, os espíritos indígenas, as evidências extraterrestres? Onde está tudo isso? Dentro da palavra "CULTURA"? Dentro da palavra/ser ALVARO? Dentro da palavra nova "(de)colonialidade"? Na fiação do seu manto.

Foi o Mercado que arrancou o manto do mundo dos ancestrais e o entregou para a Administração. E o Mercado não é a mulher antiga que, ao se perceber numa ilha grega pela primeira vez, em companhia dos argonautas, sofreu a crise de não sentir a voz da Terra. Você criou o manto para se encontrar com Deus, mas lamento informar que o mais famoso dos seus mil e um trabalhos se encontra em poder de um museu na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e gira a roda da fortuna das instituições culturais daqui e de fora, exposto como objeto de arte para apreciação pública.

Durante as incontáveis e variadas conexões entre o manto e os visitantes da exposição, mais de uma vez, como educadora, provoquei diálogos sobre



a comercialização de uma veste que você fez com propósito sacro. Como aquela que foi orientada pelo zão, o próprio deus sol, a usar o próprio vestido para envenenar a rival, numa noite quente de 8, uma senhora, estudante de ESA, me interrompeu o trololô com a pergunta que mudou meu destino de educador:

ALUNA

Ele não fez o manto para se encontrar com Deus?

EDUCADORA

Sim, isso.

ALUNA

Pois ele conseguiu o que queria. Cada um de nós aqui de frente, para esse manto é Deus, é um pedzcinho de Deus...

Ah Arthur, não sabe como me emocionou o comentário dessa senhora, anônima entre tantos outros jovens e adultos que já passaram da idade escolar ou que não tiveram oportunidade de estudar quando crianças e adolescentes: Deus nos pedzcinhos. Desde então, dei para chorar toda vez que media a manto. Ela soprou que todos nós somos deusas e deuses diante da sua obra-prima e que seu propósito, por isso, estava contemplado. Gostaria muito de saber o que você pensa a respeito. Ainda mais agora, quando se encontra no mundo que não conheço.

Ao responder esta carta, me diga como foi seu encontro com Deus, ou existem muitas divindades onde você está? Torço para que haja um panteão de deuses hindus, orixás, greco-romanos, as divindades do Japão Antigo, todas em convívio absoluto: Deus nos pedacinhos. No conjunto de pedacinhos: uma única divindade também. Quero saber por que cada detalhe do seu manto me importa para entendê-lo como espírito.

Sua antiga amiga ALVARO,
(o) (mecho)
que agora entende pelo nome de
VITÓRIA,
UM BEIJO.

TATUAPÉ, PERÍODO DE CÂNCER: 2020.

Você,

Que ficou anos confinado nos navios da marinha do Brasil, outros tantos fechado na Colônia Juliana Moreira, pode compreender o que são meses e meses preso dentro de casa. Existe um vírus gelopante que se propaga pelo mundo e nos isola, mas cada vez que a peste tenta se aproximar com brutalidade e fome de guerra, eu faço como o outro: descosturo o trabalho e recomeço e compor os fios, e trazer texturas, e prorrogar querências.

Agora, tenho todo o tempo do mundo para refazer meus bordados, em paz e angústia, no marco de transição de \mathbb{R} para \mathbb{W} . Desde sempre, muito antes de você e do peno de lençóis, quem do surgimento da primeira aranha, só é possível e goza viver a bordadeira solitária e antiga que esperz. Nossos assuntos gravados em trapos, frêgeis tecidos que serão consumidos brevemente pelo tempo, revelam as linhas de uma intimidade videntada.

Seguro tesouras e facas, corto e entio e esculha no peno, depois toco o relevo erótico, onde se revelam as cores vivas das horas perdidas.

Enquanto bordo, assisto a um telenovela antiga exibida pela extinta Rede Manchete, que se inspira na biografia da lendária mulher escravizada e alforriada Francisca da Silva de Oliveira, a Chica da Silva, amante do contrabandista de diamantes João Fernandes de Oliveira, que viveu no arraial do Tijucó, hoje Diamantina, entre 1753 e 1770. Os 231 episódios da novela estão disponíveis no YouTube. Não sei se você compreende o que é uma plataforma digital de compartilhamento de vídeos, já que morreu em 1989, mas acredito que possa entender quando me refiro à construção de um imaginário.

Para Marta Dantas, que publicou em 2009 uma pesquisa romancizada sobre sua vida e obra, o Manto de Apresentação reflete o imaginário de um menino de raízes africanas, nascido no nordeste do Brasil, criado em meio às festas e rituais da tradição católica, incorporado ao espírito do caxique Yzperatuba e à ancestralidade da cultura afro-brasileira, e Nossa Senhora da Conceição Aparecida:

GLÓRIA! GLÓRIA RAINHA!
GLÓRIA XICA DA SILVA!

SOU XICA
SOU XICA DA SILVA
SOU XICA ESCRAVA
SOU XICA RAINHA

Mãe D'água nua no rio e mãres superiores sádicas, quilombo liderado por Leci Brandão, bruxas e inquisidores satânicos vindos de Portugal, bugres fedidos com piolho, putas insaciáveis na taverna escura, Eduardo Dussek Capitão da guarda, poeta apaixonado pela madrastra, delator com a boca costurada, uma bagunça incrível que, confesso, muitas vezes por pouco não me fez levantar em êxtase diante das imagens, feito a Santa Teresa D'Ávila do sofá dos meus avós. Creio que, para grande parte da sociedade brasileira da década de 1990, a trama e o contexto histórico de uma telenovela pitoresca que alcançou enorme popularidade no país contribuíram com a formação de um imaginário do período colonial e barroco das cidades históricas do ciclo da mineração de diamante, esmeralda e ouro no Brasil, que no início do século XVIII se concentrou principalmente em Minas Gerais.

Recentemente, li um livro de um pesquisador chamado Giulio Argan, autor de muitas pesquisas interessantes sobre o barroco lá das quebras dele, a Europa, você tinha que ver! Ele explicou que, no Renascimento, o artista tem relação mais íntima com a Igreja e com a nobreza, o que começa a mudar drasticamente a partir do século XVII, quando tem



início um estilo artístico e arquitetônico marcado pela especialização do trabalhador.

Para Argan, o artista barroco é um profissional burguês, e a nova classe está extremamente interessada em todas as possibilidades da técnica, sobretudo na técnica da imaginação. A arte daquele tempo cumpria também a função de propaganda da Igreja Católica Apostólica Romana em crise e insatisfeita com o advento da reforma protestante e adquire um impulso bastante diferente da razão natural renascentista, bem como dos ideais de moderação e equilíbrio do neoclassicismo iluminista que sucedeu ao barroco. Diz que foi uma época de irracionalismo entre dois períodos racionalistas, sabe?

Mas, veja, sem querer ficar te aborrecendo com meus entusiasmos de estudante, só queria mesmo é destacar um detalhe sobre um pouco de leituras a respeito do barroco porque vejo que tem a ver com a história da arte no Brasil e com seu trabalho, embora você seja ou tenha sido um artista contemporâneo e não burguês. Como conduiu ANA MAE BARBOSA, autora sobre quem ainda hei de te falar brevemente, a chegada de Dom João VI ao Brasil em 1808, juntamente com um grupo de acadêmicos neoclássicos formado por artistas e arquitetos franceses, combateram o estilo anterior em voga na monarquia

brasileira, o chamado BARROCO INGÊNUO. "A Academia Imperial de Belas Artes foi, portanto, a primeira invasão que o processo cultural no Brasil sofreu por ação governamental, transformando o gosto local". A arte francesa, o neoclássico, ligados à corte, aos ricos, à monarquia portuguesa, tornaram-se modelo do bom gosto, em menosprezo aos artistas que, como Mestre Athaide, representavam em suas obras aspectos da cultura no Brasil Colônia, como a miscigenação e as cores tropicais que o sol favorece. Falo de obras como a que se refere a abertura de Xica da Silva, que vejo enquanto bordo, como introdução de cada capítulo disponível nas plataformas.

Virada no impulso vital dionisíaco, bizarra, caricata, engraçada, confusa, excessiva, debochada, mescunzímica, erótica, a telenovela parece refletir aspectos do Brasil atual e do Brasil barroco, seja na caracterização de uma novela de época, seja por causa da "irracionalidade" de eventos em cenas antológicas da televisão aberta, como a que Xica prepara e serve para seus convidados do Tijoco uma feijozada feita com carne humana.



A abertura da telenovela apresenta a protagonista Xica, interpretada por Thais Araújo, atriz preta com então 17 anos de idade, como Nossa Senhora dos Anjos em um cenário inspirado na pintura barroca preservada no teto da igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto: 'Assunção de Nossa Senhora', de Manuel da Costa Ataíde, vulgo Mestre Ataíde.

Depois do susto que foi visitar a igreja e convento de São Francisco de Salvador, em 2019, viagem recente sobre a qual te contei, do que me recupero até hoje; susto por causa da extraordinária exuberância, aquela gordura dourada de beleza e excesso ornamental, volutas voluptuosas descendo pelas paredes e colunas, outro destaque de tudo o que podemos conhecer do período barroco brasileiro é o teto que inspira a abertura da telenovela.

Ainda não tive a oportunidade de visitar as edificações das cidades históricas de Minas Gerais, mas pelas imagens do barroco de lá disponíveis na internet podemos apreciar aspectos que se alinham às descrições de Argan sobre as características do barroco na Itália e da Europa, que tanto influenciaram a cultura brasileira desde o período colonial até os dias de hoje, conforme te imprimi.

Acima de representações de pórticos e colunas, de uma abertura para as alturas celestiais, Nossa Senhora irradia junto de uma orquestra de anjos e querubins, sendo que a orquestra não se mostra à toa, pelo acesso da imaginação do artista deslocada do contexto sociocultural de Ouro Preto, já que os festejos em honra do primeiro bispo de Mariana inauguram uma tradição nas cidades e vilas mineiras, a partir de 1749, que se estenderam século XIX adentro e tornaram as cidades do ciclo do ouro verdadeiros baluartes de música eclesiástica.

Apesar de também monumental, realista e dramático, no teto os instrumentos e traços fisionômicos das representações de anjos e de Nossa Senhora exprimem a cara do povo brasileiro miscigenado e refletem um barroco rudimentar, que a crítica chamou de ingênuo, feito por artesãos com poucos estudos que, mesmo orientados a reproduzir o sofisticado barroco português, se autor-retratavam nas pinturas e esculturas do período. Assim como o barroco na Europa, patrocinado pela igreja em disputa propagandista contra o advento protestante, ocupava-se da "necessidade prática da demonstração visual dos fatos da própria história, visando à edificação e ao exemplo", "aqui o poder e a fé

andarem juntos, na conquista do novo mundo."

A figura central de grande composição de Afonso no teto da nave, mostrando a Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula com traços mestiços, foi motivo para um grande debate. Estamos certos de que você, assim como a Igreja, não concordaria com a forma como representaram a Virgem. A abertura original, tendo reprodução do teto barroco, provoca com Xica vestida como Nossa Senhora, com manto azul, véu amarelo e mangas vermelhas, rodeada de anjos musicistas. No final da abertura, um anjinho puxa o manto e descobre o ombro de Xica, que expressa um sorriso lascivo para a câmara. A letra da música da abertura, composta por Marcus Viana, acentua tanto a caracterização do período barroco quanto a erotização e malícia que marcaram a trama da novela do começo ao fim. Já a composição musical como um todo só faz alvejar um tipo de música eclesiástica executada nas capelas, à moda portuguesa do século XVIII, com seu coro de vozes em falsete, triângulos, flautas, oboés, rebecas e violinos:

" DO CÉU DAS GERAIS
A MAIS LINDA ESTRELA
DO TIJUCO A PRINCESA
ME CHAME DE ALTEZA!

ANJO, DIABO E MULHER
NEGRO DIAMANTE
SOU XICA DA SILVA"

Com base na cronologia da História da ARTE, os contextos históricos em que o estilo barroco se desdobrou em gordurosas volutas de ouro no mundo ocidental, compreendo que, se uma vez a televisão me persuadia, a mesma persuasão às lágrimas eu senti ao visitar as igrejas barrocas de Salvador e intuir a sensualidade da Chica/Xica da Silva mineira, de alguma forma representada em cada olho puxado e malicioso de anjinho sacro. Também persuade a composição de Ataíde ao apresentar uma pintura que denota as minhas próprias características e espírito; é uma emoção que, concluindo com as palavras de Areújo,

"se traduz em ressonância cultural de um mestiço, nas representações iconográficas dos santos de pura mulatice, santos gordos, morenos, de olhos puxados e lábios sensuais. Nossas Senhoras esvoaçantes, navegando pelo universo suspensas por anjos mulatinhos, de um sincr-



tismo que vai incorporando
ludicamente o corpo e a alma,
já que os meus eram mestiços,
brasileiros (...)"

Diante de uma imagem do espírito mestiço,
você é capaz de me responder se o barroco
brasileiro é o mesmo barroco europeu que, como
pretendia Argan, tanto manifestou sensivelmente
o movimento, o ritmo e os valores da existência?
Ou será que as exuberantes expressões do estilo
artístico nessas terras morenas podem ser consi-
deradas OUTRO BARROCO, ou até mesmo outro
estilo, um ramo, uma vertente? Em tempos de
revisão do uso da palavra MULATO, certamente
existem infinitos estudos por perguntas assim.
Mas isso já são cenas para os próximos capítulos,
Arthur.

Aguardo ansioso sua resposta,

Sempre sua,

VITÓRIA.

SOU, SOU ANJO BARROCO
(BARROCO?)

SOU SANTA DO PAU OCO
(DO PAU OCO?)

TATUAPÉ, PERÍODO DE LIBRA : 2020.

Ai Arthur, que gostoso receber notícias suas. Se estava preocupada por você não ter respondido ainda em U ou Mj é última certeza. Folgo em saber, para usar uma expressão típica de uma servidora pública, que esteja bem no mundo de lá e que o mundo de cá, o mundo dos vivos, seja tão semelhante ao mundo dos mortos. Até parece que a vida não tem uma entitese, mas várias etapas de eterna continuidade.

Sobre o que você, guiado por Exu, escreveu a respeito do reencontro com seus antepassados africanos, me lembro de que soube sobre Nã Agostimé, a rainha de dois mundos. A fascinante história da princesa do Daomé que foi vendida como escrava no porto de Vidé e trazida para o Brasil dos Navios Negreiros não está diretamente ligada a Ijaparubá, os pretos de Sergipe e à família do meu amigo, mas é importante referência da diáspora negra, a Coisa feita:

Um mulherão
Balangandãs, cerâmica e sisal.
Língua assim.
A conta certa entre a baumilha
e o sal



Sou bem mulher
De pegar macho pelo pé

Reencarnação da Princesa de Damié

Eu sou morfim
Lá dos minas de Salomão
Me espavantei em mim
Lua cheia sobre o carvão

Um mulherão

Balangandão, cerâmica e sisal

Língua assim

Li conta certa entre a baunilha
e o sal

Fogão de lenha

Garrafa de areia colorida

Pedra-sabão, peneira e água

boa de moringa

Sou de arrancar couro

Vou contar o que aprendi sobre a história dela em contato com os Zeladores de Voduns, de Marcio Vasconcelos, na ocasião de trabalhar na exposição à Nordeste, onde também descobrimos seu Manto. Espero que possam te inspirar incríveis bordados, agora cobrindo com texturas desconhecidas aos vivos, saber que Nã nasceu no final do século XVIII, admirável sede de sabedoria, no antigo Reino de Dazomé, hoje Benim, para tornar-se rainha de um reino intercontinental, uma das esposas do rei Agonglo, com quem gerou o menino Gekpe.

O rei Agonglo, antes de morrer precocemente, com pouco mais de trinta anos, fez conhecida a revelação do sacerdote de Ité de que Gekpe fosse o sucessor do trono de Dazomé. No entanto, sua vontade não foi cumprida. Adiversamente, o outro filho de Agonglo, tomou o reino e deu início a um governo marcado pela violência e tirania, sendo que duas de suas incontáveis balsonerices foi condenar Gekpe ao exílio e vender a rainha Nã Agontmé para os traficantes de escravos em Uidé.

De acordo com pesquisas de artistas como Pierre Verger e Marcio Vasconcelos, a rainha veio para o Brasil cerca de 1800 e foi aqui que fundou e difundiu o culto de tradição Ewe-Fon. Conta-se que, ao recuperar

o trono em 1818, Gzekpe, então conhecido como Gezo, prende seu irmão Adznuzam e envia expedições para a América em busca de sua mãe. Em uma biografia que mistura mito, tradição oral e pesquisa histórica, Nê Agontmé terá retornado para o reino de Dzomé não sem antes fundar um reino no Brasil que resistiu à colonização, à católicidade, à escravidão, ao tempo.

Ainda vou ao Maranhão conhecer pessoalmente as coisas de minha, ah se vou! Vamos comigo, Arthur? Diz que nesses terreiros as noites são mágicas como a vida do clã da rainha Agontmé, onde se reverenciam orixás, voduns, caboclos e encantados do culto jeje; onde meu corpo se entrega e se abre. Beixz, seja como for! De onde te escrevo, sentada nos restos mortais de tronco de uma pineira, uma deusa que viveu muitos anos no bairro de Kioto, te falar dessas religiões que possuem ancestralidades me causa um profundo estranhamento de saudade do que nem sei o quê.

SE VOU ESCREVER MUITO A ESCREVER
SE VOU ESQUECER MUITO A ESQUECER
ATÉ DIA QUE VOU VOLTAR

Escrevo hoje de outro endereço em São Paulo. Você sabe que quando cortaram a paineira da chácara próxima a casa da minha mãe, aqui onde nasci e conheci o mundo, me dei conta de uma suspeita tão antiga como o mais antigo verso do poeta trovadoresco Martinho da Silva que dava nome para a rua onde a árvore vivia: os paulistanos matam sua própria história como quem não sabe de nada. Olhar para a antiga paineira centenária, o tronco grosso e espinhudo, era ver o tempo e sentir reverberar a espuma do amor nos meus órgãos e envelhecer nostalgias todas as vezes que visitava a família velha, eu muito bem, vindo de trem de algum lugar.

Junto ao corte do tronco bem rente à calçada, restaram também os nomes de Nuno Fernandes Torneol e Jonathan Swift nas placas de ruas e cada ano mais desborbizadas, cujas biografias dei um Google não faz muito tempo, onde tem um povo que conta histórias sobre seus feitos literários, os interessantes mistérios em torno de Torneol, as viagens de Gulliver no país dos homenzinhos. Mas ninguém sabe explicar se os poetas antigos também gostavam de árvores. Até a chácara que servia para as crianças como esconderijo secreto e casa de bruxas terríveis virou uma creche administrada e

decorada com luzes de pneus pintados pelas professoras para plantas eternamente secas de sede.

Minha avó reclamava dos esturdelhosos da imensa pazineira. Não sei em que época do ano aquela árvore tão grande como um sentimento bom chovia uma tonalidade de pequenas flores de cor adocicada. Se ventava muito, aquela doce rosinha caía à sombra sobre três quarteirões. Jovó, o terror de diversas árvores de Interlagos e Káloné, muitas das quais mandou cortar sem nenhuma hesitação e misericórdia por nossas súplicas de que não o fizesse, em nome de Deus e da Beleza, preguiçava contra as flores que tinha de varrer do quintal mandado cimentar de pontas e pontas.

Mas a pazineira, se bem me lembro, nem se ligo para a velha Joana. Floresce quando tinha de florescer, depois formava um fruto que ao estourar distribuía pelo bairro, para muito além daqueles quarteirões de casas simples, sua pazineira branca e macia. Claro que nós, crianças, adorávamos a dança da pazineira, mais tarde que elas também cresceram e se tornaram adultos proprietários e zelosos pela preservação do bem privado. Os galhos eram tão grandes

De farejar ouro
Princesa do Daomé

Sou coisa feita
Se o malandro se aconchegar
Vai morrer na esteira
Maré sonra de Paquetá

Sou coisa lenta
Se provar do meu aluá
Bebe o pólo norte
Bem tirado do Samovar

Nequimho assim, ó
Já escreveu atrás do
caminhão:

"A mulher que não se esquece é lá
do Daomé."

Faço mandinga
Fecho os caminhos com
as cinzas

e grossos que ameaçam a integridade dos moradores e de seus preciosos tetos e portas parcelados no cartão de crédito.

Segundo me contaram, foi por causa de queda de um galho sobre a sacada da Dona Maria que condenaram a paineira faz um ano mais ou menos. Descobri no susto, ao subir a ladeira da Bernardo de Carvalho e não euister a gigantescos cope. Caminhei com barriga gelada e quando cheguei perto da ladeira, espantada sobre uma esquina de pedras cimentadas, fez-se manifestar a terceira cor daquela árvore sagrada: o verde. O verde que entrou pelo nariz e me causava uma dolorosa sensação de morte e de saudade.

Existe saudade onde você está, Arthur? É uma palavra tão corno-verdiana...

SODADE, SODADE!

O verde dos mananciais que cobrem grandes territórios da zona sul da cidade de São Paulo desaparece a olhos vistos. As comunidades avançam sobre as matas e os empreendedores compram imensas áreas para construção de condomínios, prédios, empresas, shoppings, supermercados, churrasqueiras, estacionamento, concessionárias. Houve um

Handwritten text at the top of the page, likely bleed-through from the reverse side. The text is mirrored and difficult to decipher.



Handwritten text at the bottom of the page, likely bleed-through from the reverse side. The text is mirrored and difficult to decipher.

tempo, quando criança, que acreditávamos, o professor Esmeraldas e eu, que o verde da bandeira brasileira simbolizava a maior biodiversidade do planeta.

Um dos bordões do Manto é a bandeira brasileira, né, Arthur? Mas você não é capaz de imaginar o mal estar que nos causam hoje em dia os símbolos nazionais. A recente democracia nos mztizes do pzu-brasil sucumbiu para dar lugar à administração do ódio. Meu Deus, meu Deus! mas que bandeira é essa? O pzu-brasil é vermelho, e até onde se sabe, o verde na bandeira nacional não representa Amazônia, Mztz Atlântica coisíssima nenhuma, mas sim a cruz de Bragança do Pedro I, o imperador português do Brasil antigo.

Independência!

Mztz!

VITÓRIA

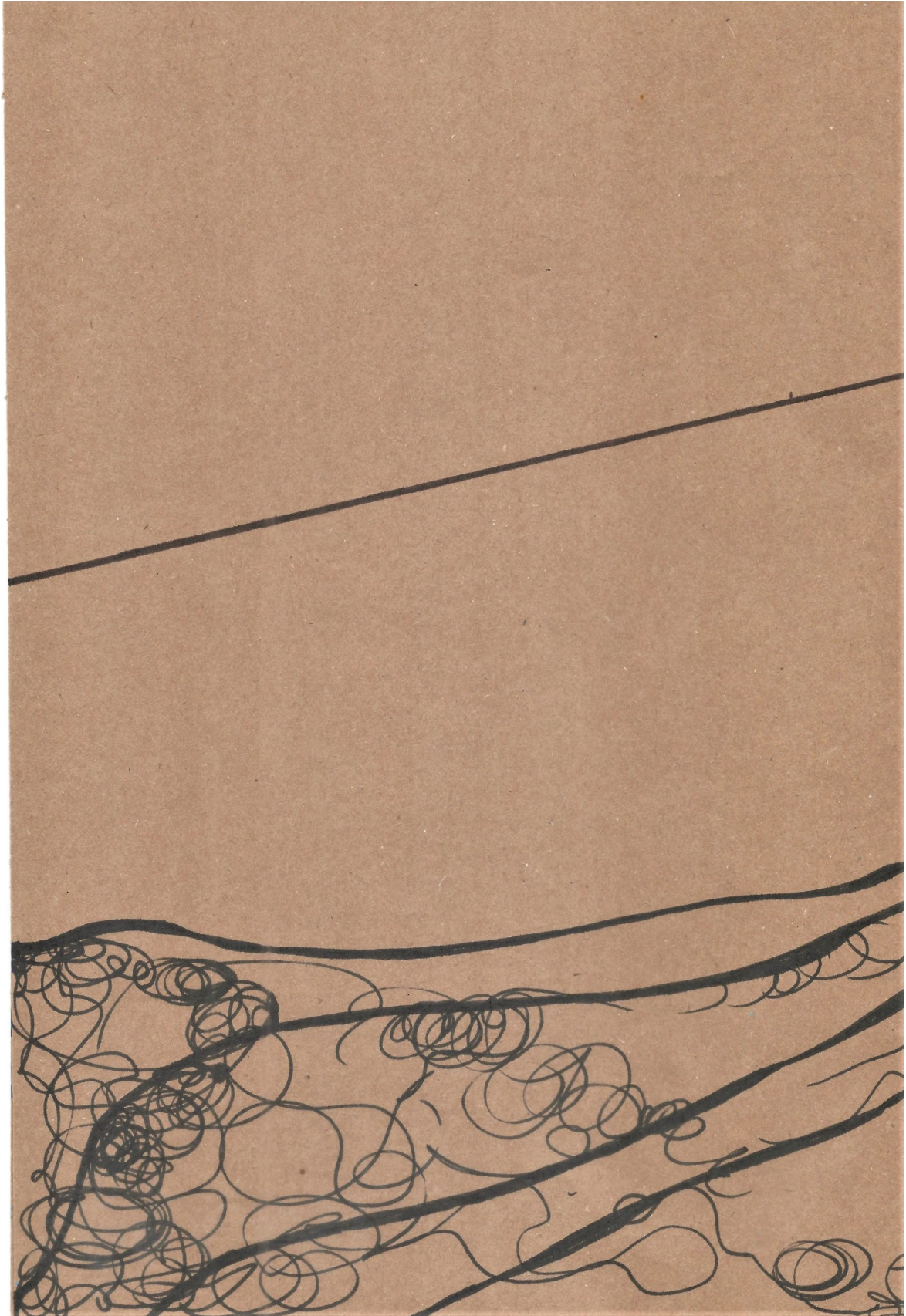
TATUAPÉ, PERÍODO DE CAPRICÓRNIO: 2020.

AS COISAS NÃO VÃO MUITO BEM, ARTHUR, POR CAUSA DA PANDEMIA, OS NOTICIOSOS ME DEIXAM EM ESTADO DE MELANCOLIA. VOCÊ PERCEBEU NA ÚLTIMA CARTA, NÉ? MAS SIGO COM OS BORDADOS À LUZ DE VELAS E COM MEUS ESTUDOS NA UNIVERSIDADE.

DE TODOS OS ASSUNTOS ABORDADOS EM AULA NOS ÚLTIMOS DIAS, O QUE ME CAUSOU ESPECIAL ESTRANHAMENTO FOI A CRÍTICA DE VYGOTSKY AOS CONTOS INFANTIS NO LIVRO PSICOLOGIA PEDAGÓGICA. POIS OS CONTOS DE FADAS, AS FÁBULAS, AS MITOLOGIAS, OS CONTOS DE TERROR, A SOMBRA MEDONHA DO MEU AVÔ PROJETADA NA PAREDE PELA LUZ DA VELA, QUANDO FALTAVA ENERGIA ELÉTRICA NA CASA DA INFÂNCIA, SÃO, TALVEZ, O QUE ME LEMBRO DE MAIS IMPORTANTE PARA MINHA FORMAÇÃO COMO GENTE, A PONTO DE, JÁ ADULTA, OLHAR PARA O MANTO DA APRESENTAÇÃO E IMAGINAR COISAS FANTÁSTICAS.

TODOS OS DIAS, ESSES DIAS EM QUE A GENTE TEM SE ARRASTADO DIANTE DO ABSURDO DA SOCIEDADE DIGITAL, DO CONSUMO, DO DESCARTE, ULTRACAPITALISTA, CONTAMINADA PELOS ASFALTOS E PASTOS QUE ENGOLEM OS BIOMAS E DRENAM O ESPÍRITO, IMAGINAR PARA AFASTAR A CONSCIÊNCIA DA DURA REALIDADE É UMA





PRÁTICA DA ADULTA QUE CONTINUA A CRIANÇA QUE SÓ FEZ VIVER DENTRO DA LENDA.

O PRIMEIRO CONTO DE FADAS QUE ME VEIO À MEMÓRIA AO LER A CRÍTICA DE VYGOTSKY FOI O EPISÓDIO "CINDERELA", DA SÉRIE TEATRO DOS CONTOS DE FADAS, EXIBIDO PELA TV CULTURA, EM QUE A FADA MADRINHA PERGUNTA EM TOM IRÔNICO PARA CINDERELA, QUANDO ESTA DEMONSTRA CÉTICISMO DIANTE DAS PROMESSAS FANTÁSTICAS DA FADA: "ALGUÉM AQUI SABE O QUE É REALIDADE?"

AO IMAGINAR AS PERSONAGENS MISTERIOSAS DE UM CONTO INFANTIL, COMO DIABOS E BRUXAS, A CRIANÇA, SEGUNDO VYGOTSKY, PASSA A REGULAR E DIRIGIR SEU COMPORTAMENTO SOB A INFLUÊNCIA DE NOÇÕES E CRITÉRIOS FALSOS E ERRÔNEOS, QUE CRIARÃO O COSTUME DE AGIR NESSAS DIREÇÕES FALSAS QUE NÃO CORRESPONDEM À VERDADE NEM À REALIDADE. "SE, DESDE A INFÂNCIA, A CRIANÇA SE ACOSTUMA A ACREDITAR NA 'CUCA', NO 'BICHO-PAPÃO', NA FEITICEIRA E NA CEGONHA QUE TRAZ OS BEBÊS, ISSO VAI OBSTRUIR SUA PSIQUE E DETERMINAR FALSAMENTE SEU COMPORTAMENTO."

MAS ESSES CONTOS NÃO SÃO APENAS HISTÓRIAS QUE OS ADULTOS USAM PARA "EDUCAR" AS CRIANÇAS POR MEIO DO MEDO. SÃO, ANTES DE MAIS NADA, ALEGORIAS E MITOS QUE SURGEM DA IMAGINAÇÃO DE UM POVO, DA INSPIRAÇÃO

VYGOTSKY

POÉTICA. SÃO SABERES, CULTURA E ANCESTRALIDADE TAMBÉM. A CRÍTICA QUE CONDENA A FÁBULA NA EDUCAÇÃO ESTÉTICA DA CRIANÇA, DEVIDO AO FATO DE OS CONTOS INFANTIS DE SEU TEMPO FALTAREM COM RESPEITO À REALIDADE, ENTRA EM CONFLITO COM OUTRO PONTO DE VISTA DO MESMO AUTOR, PUBLICADA POSTERIORMENTE, SÁ QUE, PARA UYGOTSKY, "O AFASTAMENTO DO ASPECTO EXTERNO APARENTE DA REALIDADE DADA IMEDIATAMENTE NA PERCEPÇÃO PRIMÁRIA POSSIBILITA PROCESSOS CADA VEZ MAIS COMPLEXOS, COM A AJUDA DOS QUAIS A COGNIÇÃO DA REALIDADE SE COMPLICA E SE ENRIQUECE."

Os contos infantis, mesmo os fantásticos, não fogem à realidade, mas superam os limites dela. Para minha família nem um pouco letrada, meus primeiros educadores, uma criança que voava dia e noite no dragão rosa da história sem fim só podia estar feliz, virada na fúria do bullying, da miséria e do câncer infantil, assim pensavam e comentavam durante as visitas fofoqueiras, eu ouvia através do fundo do copo na parede.

Nas estantes da casa dos avós, gente cigana não alfabetizada, existiam apenas três livros de capa vermelha e pesada sobre as viagens

DE JULIO VERNE. DEPOIS QUE GANHAMOS DE UNS VIZINHOS, QUE SE RETIRARAM PARA O NORDESTE DURANTE O CONFISCO DE COLLOR, UMA COLEÇÃO DA AGATHA CHRISTIE. MAS QUANDO MAMÃE, EMPREGADA DOMÉSTICA DA ASTRÓLOGA BELGA, CHEGOU NO BARRACO COM UNS LIVROS SOBRE MITOLOGIA GRECORROMANA E ASTROLOGIA EM MEIO A ROUPAS VELHAS CHEIRANDO A NAFTALINA QUE A PATROA LHE DISPENSAVA, A IMAGINAÇÃO DESANDOU DE UM SEITO. AS EXTRAORDINÁRIAS MENTIRAS ANTIGAS ROMANCEADAS POR COMMELIN E BULFINCH, NUM TEMPO SEM INTERNET NEM CONSCIÊNCIA DECOLONIAL, ASSIM COMO AS PERFORMANCES DO VELHO AVÔ DA CAROCHINHA, ME TRANSFORMARAM PARA ALGO, ME ABZIRAM FEITO A JASSCURA LA BRUJA, DE CILDO MEIRELES, RAMIFICANDO IMAGINAÇÃO PARA TODOS OS LADOS ATÉ TRANSBORDAR A CAIXINHA DE PANDERA.

NEM BOM NEM RUIM, NEM PARA MAIS NEM PARA MENOS, SÓ SEI QUE HOUE UMA TRANSFORMAÇÃO PARA SEMPRE. POIS FORAM AS HISTÓRIAS RECONTADAS POR J. PIMENTEL PINTO A PRIMEIRA COMUNIDADE A QUE PERTENCI, ABSCRUIDA FEITO A ADOLESCENTE DO CLIP TAKE ON ME PARA UM MUNDO DE CORCUNDAS MÁGICOS, FANTASMAS NA FLRESTA ESCURA, MADRASTAS MALVADAS, O BICHO-HOMEM, MONSTROS DO FUNDO DO MAR, A PRINCESA DE BAMBALUÁ, CALICOTE. AO ME ASSUSTAR COM O

FOLCLORE, DO BRASIL E DO RESTO DA AMÉRICA LATINA, OS TEMORES QUE VYGOTSKY CHAMA DE TRAGÉDIA EM RECORDO A MAIOR DE TODAS AS DELÍCIAS NOS APRENDIZADOS DA INFÂNCIA. POIS OS MISTÉRIOS DAS CRIATURAS SOBRENATURAIS ENTENDO COMO ALGO INCOMPREENSÍVEL DE SIGNIFICADO OBSCURO E OCULTO. E POR CAUSA DISSO, POR CAUSA DE SEU CARÁTER INSOLÚVEL E NÃO REVELADO, ESTIMULA A CURIOSIDADE E A IMAGINAÇÃO, PARTICIPA DO PROCESSO EDUCATIVO DO "SER INACABADO QUE ESTÁ EM CONSTANTE BUSCA."

↳ P. FREIRE
COMO SERIA POSSÍVEL VIVER SEM O MISTÉRIO, DOCE ESCAPISMO, QUANDO HAVIA O MEDO DA ESCOLA REAL E DAS EMBALAGENS PLÁSTICAS POR MEIO DAS QUAIS A ESTRELA NOS SEDUZIA COM BRINQUEDOS ANUNCIADOS NA TELEVISÃO DOS ANOS 1980? AO OLHAR PARA O CÉU, PARA O ESCURO DO FIRMAMENTO, PENSANDO EM DISCOS VOADORES E BRUXAS NO TELHADO DE GOTHAM CITY, AS CRIANÇAS DE INTERLAGOS NÃO VÍAMOS MAIS A XUXA DENTRO DA CAIXA. IMAGINÁVAMOS A CONSTELAÇÃO DO CENTAURO, DA CABRA MARINHA, DA VIRGEM. A MULA-SEM-CABEÇA TROTANDO E SE APROXIMANDO DO FIM DA RUA DA CHÁCARA. SACIS, LOBISOMENS, LOIRAS DO BANHEIRO E DEMÔNIOS, E SOBRETUDO A BRUXA NA VASSOURA, COM SEUS PÉS QUADRADOS E OLHOS VERMELHOS DE FOME DAS CRIANÇINHAS QUE ÉRAMOS TODAS NÓS. QUE

MEDO E JONTADE EU TINHA DE SER LEVADA POR UMA BRUXA, DEPOIS COZIDA NO TACHO COM LEGUMES E CEBOLAS!

VOCÊ NOS CONVIDA A VOLTAR PARA CASA QUANDO COLOCA O MANTO SOBRE OS OMBROS DAQUELES QUE O VEEM, MESMO SEM PODERMOS TOCÁ-LO ATRAVÉS DA PROTEÇÃO EM REDOMA, MUITO MENOS VESTI-LO. É UM TRAZE QUENTE E PESADO PARA O CLIMA TROPICAL, LAR DA AMÉRICA LATINA, DO BRASIL, FEITO DOS MESMOS FIOS COM QUE TECERAM O MANTO AZUL DE APARECIDA E O XALE PARDACENTO DO CHEFE PAIUTE. A AMÉRICA É UM PEDAÇO GRANDE DA TERRA AZUL, UMA MANTA MORENA; IRACEMA.

Amãe Terra recolhe em casa seus filhos
fazendo eles se extorciam.
O cemito erz ermo e comprido,
Ela lhes sussurra que fiquem,
Sob a protecao do xale,
Onde o emor volte a habitar
Seus coresões podem zbrin-se para recordar
Todos os parentes como seus z amigos.

PARA OS PAIUTE DA AMÉRICA DO NORTE, A CERIMÔNIA TOMADA DO XALE É A VOLTA AO CORAÇÃO, AO ESPÍRITO E AO LAR DA AMÉRICA NATIVA. O ÓLEO QUE ESCORRE DA SUPERPOPULAÇÃO ULTRACAPITALISTA CONVERTE

BIOMAS INTEIROS EM LIXO TÓXICO E PASTO, MAS NÃO PENETRA AS TRAMAS DA ANCESTRALIDADE QUE OS MANTOS CONSERVAM: O SEU, O DOS PAIUTE, A CAPA DE EXU, A DE APARECIDA E O VELOCINO DE MEDEIA. JESTIDA DELES, VOLTO PARA CASA FEITO UMA GRANDE CEBOLA PARA O SEIO DA MÃE TERRA, A FIM DE BROGAR NO MEU LAR DE AMOR E PROTEÇÃO, MESMO CURTIDA NOS SÍMBOLOS DA SOCIEDADE DO DESCARTE QUE VOCÊ GRAVOU NAQUELA COBERTA.

ONDE, OUTRORA, O SERTANEJO MARCOU NO COURO ELEMENTOS DE SUA CULTURA NAS FORMAS, NO CHEIRO E NA CARNE, VOCÊ, ARTISTA NORDESTINO, GRAVOU COM LINHA DESFIADA DO UNIFORME INDUSTRIAL DO LOUCO UM CARRINHO DE BEBÊ, UM MICROFONE, UM BELICHE, UMA MESA DE PINGUE-PONGUE, derivados do petróleo. Fico passada com a atualidade com que você nos traduz! DIANTE DO SEU MANTO, EU ABRO OS BRASOS E PROJETO A ESTRELA, O POLÍGONO DOS SERES HUMANOS, NOSSOS MEMBROS, NOSSOS DEDOS DE BORDADOS E ESCRITOS.

ATÉ POUCO TEMPO ATRÁS, CONSERVAVA UM VELHO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, NÃO SEI POR QUE CARGAS D'ÁGUA FOI PARAR ENTRE AS MINTIAS COISAS. A BÚSSOLA QUE VOCÊ BORDOU NO MANTO DA APRESENTAÇÃO APONTA PARA A LEMBRANÇA DO ANTIGO



MAPA DO BRASIL NO LIVRO DIDÁTICO COM QUE MINHA AVÓ ESTUDOU. ELA CHAMAVA ESCOLA DE GRUPO, O NOME QUE O PESSOAL DO INTERIOR DESIGNAVA PARA A ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, QUANDO O ESTADO DO PARANÁ AINDA NÃO EXISTIA NA GEOPOLÍTICA NACIONAL E SELIA, EM CAIXA ALTA, SOBRE O PEDAÇO DE TERRITÓRIO GERMINADO COM SÃO PAULO, A PALAVRA ÍNDIOS. A CRIANÇA QUE LIA A PALAVRA ÍNDIOS NO MAPA IMAGINAVA A MATA E AS OUTRAS CRIANÇAS QUE VIVIAM DENTRO DELA.

SE TE INTERESSA SABER SOBRE OS ANTEPASSADOS DESTA SUA AMIGA, A BÚSSOLA DO BISPO APONTA PARA O UMBIGO, QUE PUXA OS FIOS DO MANTO FEITO RIOS AFLUENTES. PARANÁ, QUE QUER DIZER SEMELHANTE AO MAR EM LÍNGUA NATIVA, DIZIA MEU AVÓ CIGANO QUE QUANDO O PAI DELE LÁ CHEGOU, A POLÍTICA MIGRATÓRIA DO PERÍODO VARGAS ABRIU AS PORTAS PARA A MATA, PARA QUE OS IMIGRANTES DA EUROPA TORNASSEM MATA AGRICULTURA.

A COLÔNIA DE SAÚVAS À QUAL MEU AVÓ PERTENCIA LOGO PERCEBEU QUE AS TERRAS ERAM HABITADAS POR POVOS NATIVOS, QUE ELES CHAMAVAM DE ÍNDIO OU CABOCLÓ. AO PERGUNTAR PARA O LÍDER DA COLÔNIA O QUE FAZER DIANTE DA OCUPAÇÃO, O ESPANHOL ORDENOU-LHES: MATA! SO' MEU BISAVÔ SE GABAVA, AO CONTAR HISTÓRIAS DA CAROCHINHA,

QUANDO ACABAVA A ENERGIA ELÉTRICA EM CASA, TER PASSADO CENTENAS NA FACA, ENTRE INDÍGENAS, BUGRES, ÁRVORES E ANIMAIS. ELE NARRAVA QUE, ENTRE UMA CHACINA E OUTRA, OS HOMENS CHURRASCAM TAMANDUÁS-BANDEIRA. VOCÊ TAMBÉM GOSTA DE VER TAMANDUÁ COMENDO COLÔNIAS INTEIRAS DE FORMIGA, ARTHUR?

DA JANELA DA CASA DA MINHA AVÓ, NAMORO UM RESTO DE MATA ATLÂNTICA NA ZONA SUL DE SÃO PAULO. PARECEM DOIS ELEMENTOS DISTINTOS, A MATA E A COMUNIDADE, EM PELETA PERENE. A CADA MÊS QUE PASSA, A COMUNIDADE AVANÇA SOBRE O VERDE COM DESMATAMENTO E OCUPAÇÃO E REVESTE A PAISAGEM COM OS TONS AVERMELHADOS DO TITULO BAIANO. OS GRUPOS HUMANOS, TODOS ELES, SÃO COMO VOCÊ, ARTHUR. ELES TECEM, PRODUZEM, TRANSFORMAM, COMPÕEM, REVESTEM UMA COISA COM OUTRA, QUEM SABE SE CONSCIENTE OU INCONSCIENTEMENTE.

VOCÊ CHEGOU A ASSISTIR AO FILME O ATAQUE DAS FORMIGAS GIGANTES? ACHO QUE ERA DO SEU TEMPO. MAS VOCÊ NÃO DEVIA ASSISTIR A MUITOS FILMES NEM NA JULIANO MOREIRA NEM NA CASA DOS LEONE.

POIS NESSE FILME, A FORMIGA RAINHA SOLTAVA UM GÁS QUE ENTORPECIA E ORIENTAVA OUTRAS FORMIGAS A DOMINAR OS SERES HUMANOS. VEJO A RAINHA COMO

UMA REPRESENTAÇÃO DO INCONSCIENTE COLETIVO. A COLÔNIA DO MEU AVÔ E A COMUNIDADE AGIRAM E AGEM DE FORMA CONJUNTA, LEVADAS POR UM TIPO DE FEROMÔNIO OU INSTINTO DE VÍRUS.

NÃO QUERIA TE ENTRISTECER, MEU AMIGO, SEI O QUANTO A CARTA ESTÁ FICANDO CONFUSA, CHEIA DE ASSUNTOS CORTADOS, RÁPIDOS E SUPERFICIAIS COMO CERTAS COISAS DE INTERNET, MAS NÃO É POSSÍVEL "SER" NO BRASIL DE HOJE. DIFERENTE EM MUITOS ASPECTOS DO BRASIL DOS MEUS AVÓS, DO SEU BRASIL, DOS BRASIS ANTIGOS, É O MESMO BRASIL ENTORPECIDO PELO BAFO DE UMA RAINHA QUE EXIGE A DESTRUIÇÃO DA LAJURA. NÃO SE TRATA DE SAUDOSISMO, NÃO. FALO DE UM ESPÍRITO DE DESTRUIÇÃO EM MASSA GUIADO PELO GOVERNO FEDERAL. UMA ESPÉCIE DE SEITA, NUMEROSA E FASCISTA, QUE SE FORMOU EM TORNO DE UMA RAINHA MÁ.

LEMBRA DO HITLER? O FEROMÔNIO QUE ISOLOU A ALEMANHA DO RESTO DO MUNDO NA 2ª GUERRA MUNDIAL É SEMELHANTE AO QUE ACONTECEU NO BRASIL 2020, EM MEIO A UMA PANDEMIA SEM PRECEDENTES.

ESPERO TE ESCREVER COM MAIS ÂNIMO E ESPERANÇA DA PRÓXIMA VEZ.

UM BEIJO,
VITÓRIA.

Hoje eu tive um sonho, Arthur!

Sonhei que existia um flamboyant fantástico ao lado do prédio gigante. Na cobertura, eu observava da sacada a árvore imensa e a avenida movimentada lá embaixo. Frutos semelhantes à pinha pingavam no asfalto, que os trazava com gula estéril e processual, como uma fábrica. De repente, um Opala azul escuro se acidentou e se rodando feito uma hélice pela pista. Desço para ajudar, durante muito tempo pelas escadas espiraladas do prédio. Uma mulher loira de meia idade tinha batido o carro, mas se sentia bem. Agradeceu e foi embora por uma curva toda torta de cimento e engenho.

Ao lado da avenida, revelou-se um buraco, desses típicos de baixo viaduto. Atraída desde o pingo no muro, entrei no perigo desconhecido. Dentro do buraco, lixo espalhado, latinhas de crack e restos. Muitos restos. Enormes, feios, apodrecidos, violentos, amassadores, pestilentos, ratazesas de pelugem falhada, rabo longo cheio de câncer, orelhas comidas, dentes para fora de sangue e



loucura, desejo de consumir. Dezenas, centenas, milhares, todos atrás de mim, feito uma multidão de eleitores religiosos e ruralistas da Maria Sanguinária. Me escondi no andar de cima, no sótão da biqueira, onde havia uma porta. Fiquei trancada no cubículo para me livrar dos ratos que queriam entrar pelas frestas, de onde vinha também um tiquinho de luz.

Falei desse sonho para três amigas, e cada uma delas se dispôs a interpretar o sonho com base no que conhecem sobre mim e o mundo.

Da primeira vez que revelaram, a árvore é a energia da vida indo embora, a interrupção do ciclo natural. Frutos despencam no asfalto infértil. O asfalto representa a desnatureza. O shopping, a internet, os materiais de arte comprados em embalagens descartáveis, os apartamentos, o petróleo escorpiano, a morte dos carros e do casamento: o caos do trânsito, minhas plantinhas presas no vaso plástico, as mãos asseadas no álcool. Um acidente me faz descer, é um estopim para a mudança. Viro a chave para o underground Sion, não se pode falar. Sonhar com ratos tem a ver com falta de higiene, o interior infectado da caverna

cidadinz. Quem falou que essa espécie evolui não sabia que o trabalho produz o chorume que escorre para a goela da tartaruga e que a preguiça do Seca Tatu é a verdadeira salvação de lobos e lobatos.

Da segunda vez que compreenderam, o olhar de um pássaro que sobrevoa o caos. O estalto é uma coisa que engole tudo, os frutos e a carniça alimento da ave de rapina que desce num resante, em círculos, até a mulher acidentada. Uma pessoa que me atraí para outras pessoas. Tudo gente que me consume. Ratazanas dentes atraídas pela flauta de Hamelin. Fico presa no quartinho escuro do submundo, com medo dos porquinhos-da-índia tornados ratos devoradores. Buscar o sótão é uma tentativa de voltar para o lugar elevado da infância, quando brincava de ser imperador de Roma, esvoaçando os lençóis limpríssimos de cigana, nos quais me enrolava sobre os telhados de sagrada família em dias de vento forte. O quintal que minha avó cimentou, arrancou as árvores e tornou tudo escombro para descendentes evangelizados.

Na terceira vez que brisaram, eu sou o próprio flamboyant deslocado e enraizado nesse estalto, cujos frutos não germinam. Uma mulher antiga perdida



num mundo novo sem sustentação. Uma alma de flor presa num corpo enquadado, cheio de pêlos e pênis. Exuberante OPALA, nada de raízes, mas pneus feitos de borracha eterna. Árvore distante do seu habitat por um equívoco de destino, nasce no lugar errado. De vez em quando ela arranca suas próprias raízes à unha para correr em busca do sol, outras muitas seu corpo participa tanto da copa quanto do subsolo, que o nutre com alimento embesbado em óleo preto. Conhece a luz e a sombra, e das duas participa à moda da pretz Anz. Quem disse que escolhi esse caminho? Ser artista em meio à covis do novo velho nazibrazil é viver carcomida por ratos de PACMAN. Presa por quarentenas num joguinho artificial, à caça do que não me leva a lugar nenhum, disse a derradeira intérprete.

Com qual delas você concorda, Bispo? Diga-me quem está certa e eu te revelo o nome para que você bote o nome dela no meu zresso.

Veja o bordadinho que terminei ontem. Tem a ver com um conto chamado O feral de Casimiro e Isidoro. Tirei um xerox do conto para você ler.

Feliz Ano Novo!

Logo mais o O entre em ÁRIES
e tudo se renova!

Um beijo
Sempre sua,
VITÓRIA.